E1E

ANO II NUM. 12

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

MAIO — 1941

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22-11-78
BIBLIOTECA

12

O NÚMERO 12 ASSIM COLOCADO AO ALTO DESTA PÁGINA REPRESENTA A PRIMEIRA VITORIA EFETIVA DE *"EDUCANDO"*. COMPLETAMOS COM ÊLE O PRIMEIRO ANO DE ASSINATURA. FORAM INÚMEROS OS TROPEÇOS INICIAIS, SÃO AINDA SEM CONTA AS DIFICULDADES A VENCER.

NO ENTRETANTO, NÃO CHAMAREMOS DE CRUEL Á SORTE, NEM DEIXAREMOS QUE A SOMBRA DO ARREPENDIMENTO SUBLINHE DE AMARGURA O NOSSO NÚMERO DE ANIVERSÁRIO.

PARA QUE ASSIM O FIZÉSSEMOS SERIA PRECISO QUE ESQUECÊSSEMOS TODAS AS VOZES, CHEGADAS DE TODOS OS PONTOS DO ESTADO ATE' A' NOSSA PEQUENA TENDA DE TRABALHO. SÃO VOZES DE QUEIXA E DE SÚPLICA, DE DOR E DE JÚBILO, DE APLAUSOS E DE RESTRIÇÕES, MAS TODAS ELAS SE TRANSFORMAM PARA NÓS EM VOZES DE ESTÍMULO. ESTÃO A LEMBRAR-NOS QUE EXISTE UMA CLASSE DE SERVIDORES DO ESTADO A QUE E' PRECISO AUXILIAR. ESTÃO A LEMBRAR-NOS QUE ESSA CLASSE TEM A SEU CARGO A MAIS DIGNIFICANTE DAS MISSÕES, E LUTA E SOFRE E ANSEIA POR UM GESTO AMIGO QUE A ALCANCE NAS HORAS DE DESANIMO OU DE REVOLTA.

SERIA PRECISO, AINDA, QUE ESQUECÊSSEMOS O ACOLHIMENTO COMPREENSIVO COM QUE FOMOS RECEBIDOS. E' SEMPRE CONFORTADOR SENTIR A' VOLTA DE NOSSO TRABALHO A SIMPATIA DOS MAIS CAPAZES PARA JULGÁ-LO. E AÍ, DESDE A ATITUDE CONFORTANTE E ACOLHEDORA DO SR. SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO, ATE' O AUXILIO CONSTANTE E PRECIOSO DE CADA UM DE NOSSOS COLABORADORES, TUDO ESTA' A INDICAR-NOS QUE A NOSSA TAREFA, PELO SEU ESPÍRITO E GRANDEZA, ENCONTROU NA INTELECTUALIDADE MINEIRA COMPREENSÃO E SIMPATIA SUFICIENTES PARA SER PERDOADA NOS ÊRROS DA REALIZAÇÃO

HOJE ADQUIRIMOS A CERTEZA DE QUE *"EDUCANDO"* NÃO PERECERA' JAMAIS. QUANDO CHEGAR O MOMENTO DA DIFICULDADE, HÁ DE HAVER UMA VOZ DISTANTE DE PROFESSORA A LHE PEDIR: "AVANTE! QUE EU AINDA PRECISO DE TI!" E HÁ DE HAVER UMA INTELIGÊNCIA MINEIRA A LHE DIZER: "CAMINHA! QUE EU TE AJUDAREI!"

EDUCANDO

Sob os auspícios da ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES PRIMÁRIOS DE M. GERAIS

ANO II | MAIO | NUM. 12

EXPEDIENTE

Direção e Redação
Marieta Leite

Gerência:
Leonilda Montandon
Zembla Pinheiro Chagas

Colaboradores diversos

Revista de orientação técnico-pedagógica

Assinatura - - - - - - 24$000
Assinatura especial para sócios da Associação - - - - 18$000
Número avulso - - - 2$500

Redação:
Rua Rio de Janeiro, 1278
Tel. 2-7993 - Belo Horizonte

SUMÁRIO

12 101

A PÁSCOA NA VIDA CRISTÃ — Maria Luiza de Almeida Cunha 103

GANHANDO TEMPO — Dulce Botelho Junqueira 105

QUESTÕES DE PORTUGUÊS — *Da Conjugação Portuguesa* — J. Lourenço de Oliveira . . 106

RENDIMENTO ESCOLAR — L. M. 110

EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL — *Pituchinha* — Guiomar Meireles Becker 112

A ESCOLA E A ABOLIÇÃO — Manuel Casasanta 115

NOSSA GRAVURA — M. L. 116

A LOJA ESCOLAR — *Da sua organização numa classe primária de 1.º ano* — Helena Xavier de Aguiar 118

LITERATURA INFANTIL — *Os Bichos Eram Diferentes* — Marieta Leite 120

TRÊS ESTRELAZINHAS — Murilo Mendes . . 122

SE O OLHAR NÃO FOSSE DE JESUS — Martins de Oliveira 123

SÔBRE PROGRAMAS — M. Leite 124

A HISTÓRIA PÁTRIA PRECISA SER BEM ESTUDADA — Imene Guimarães 128

A BIBLIOTECA DAS CRIANÇAS — *Tradução* — Henri Pradel 130

A VIDA DAS ARANHAS — *Excerto* — C. de Melo Leitão 136

GATA BORRALHEIRA — *Versão de "Contos de Fadas de Perrault"*, de Monteiro Lobato 141

GRANDE CONCURSO PERMANENTE DE "EDUCANDO" 145

O VESTUARIO — *Tradução* — Marie Boutier . . 147

IMPRESSA NA
GRAPHICA QUEIROZ BREYNER LTDA.
AVENIDA AFONSO PENA, 351 BELO HORIZONTE

A Páscoa na vida cristã

Maria Luiza de Almeida CUNHA

Quando éramos crianças, a narrativa da libertação dos Israelitas do cativeiro do Egito foi certamente das passagens da História Sagrada uma das que mais nos empolgaram. Todos os detalhes dêsse grande episódio se fixaram até hoje em nossa memória e facilmente a imaginação compõe o quadro daquela fuga apressada para a Terra da Promissão.

A Lei Mosaica prescrevia aos Judeus que começassem anualmente com grande pompa esse acontecimento feliz.

O rito principal consistia na imolação de um cordeiro novo, sem defeito que, assado sôbre brasa devia ser comido em família. O chefe da família presidia a refeição em que o pão não fermentado e as hervas amargas deviam figurar.

Na infância não aprendiamos, entretanto, o significado do episódio hebraico nem o da sua comemoração periódica pelos israelitas que são figuras expressivas da Páscoa da Nova Lei em que se fez vítima imaculada o próprio Deus, imolando-se na Cruz para nossa libertação no mesmo dia e na mesma hora em que no templo de Jerusalém se degolavam os cordeirinhos figurativos.

Hoje que já desfrutamos os benefícios incalculáveis dessa passagem da servidão do pecado para a liberdade de Filhos de Deus — cumpre-nos cada ano meditar com amor o misterio pascal. A resurreição de Jesus é o arremate glorioso dessa obra que empreendemos à custa das mais cruciantes dôres por amor da Justiça e inegualável misericórdia.

E' a prova fragorosa da Sua Divindade contra a qual inutilmente se assanham todas as invectivas do materialismo! Sem a Resurreição... seria um mito a nossa Fé — E' o próprio São Paulo quem nô-lo afirma.

Por sua vida santíssima Jesus venceu primeiro para nós a violência das paixões do pecado — pela resurreição aniquilou o último inimigo de nossa felicidade: a morte — conquistando-nos a garantia inabalável da glória eterna.

A Resurreição de Nosso Senhor é o último ato do reequilíbrio universal e é por isso que dos lábios do Senhor ressuscitado brota constantemente a palavra Paz — A Paz esteja convosco!... é a saudação característica do tempo pascal...

A Paz é o esplendor da ordem restabelecida pela Nova Aliança indestrutível e eterna.

Entretanto, à militante de ação católica não basta considerar apenas êstes aspectos apologéticos da resurreição de Nosso Sonhor.

De fato essa convicção desperta nas almas movimentos de gratidão, de esperanças e de alegria!

Alegria que a Igreja a-pesar-de sua habitual sobriedade não cessa de exprimir na repetição entusiástica e reiterada do Alléluia!

Precisamos ainda estudar o significado da graça pascoal para vitalizar profundamente nossa mentalidade.

Pela ressurreição Nosso Senhor

se liberta de todas as contingências da vida humana... conquista para nós essa graça da libertação — Porque não aproveitá-la rompendo corajosamente todos os laços que nos prendem ao pecado, aos "cancans" humanos numa fermentação daninha de preconceitos, de malícia, de indolência!

Sejamos "ázimos" como quer São Paulo.

Esta purificação que é o primeiro elemento de santidade haure entretanto seu verdadeiro valor, no segundo aspecto da graça pascal que São Paulo comenta na Epístola dos Romanos.

Êste segundo elemento para a santificação é a *dedicação a Deus* — a coesão completa da vontade humana ao querer Divino, a dependência integral e livre ao beneplácito divino.

Este "viver para Deus" — é que nós militantes da A. C. temos de realizar em tôda a parte —: quer no recesso mais íntimo da vida famíliar quer nas atividades mais evidentes da trama social.

Mas, não adiemos esse "viver para Deus" para quando fôr possível.

As Santas Mulheres madrugam em busca do Senhor Morto — quanto zêlo! E nós não nos ergueremos de manhãzinha para buscá-Lo, glorioso, ressuscitado comquanto oculto na Eucaristia?

"Se depois de O ter recebido na Comunhão não Lhe deixamos plena liberdade de ação Êle dará à nossa Vida pelas inspirações do Seu Espírito esta orientação estável para o Pai que nos leva à Santidade, de modo que todos os nossos pensamentos, tôdas as nossas aspirações, tôda a nossa atividade, correspondam à gloria do nosso Pai dos Ceus".

Estas aspirações veem claramente expressas no Post. Comunio de quarta-feira da Páscoa em que a Igreja nos ensina esta bela oração.

"Dignai-Vos Senhor livrar-nos de todo o vestígio do homem velho, e fazei que a participação do Vosso Augusto Sacramento nos confira um novo ser."

Antigamente, nas festividade de hoje sábado "in albis" os neófitos depunham na sala do tesouro as vestes brancas que haviam envergado no sábado precedente que marcara sua incorporação ao Salvador, N. S. J. C., como penhor da sua fidelidade. Nós, concientes dos deveres que decorrem d'essa mesma graça batismal, confiantes de que tudo poderemos n'Aquêle que se fez nosso Cordeiro Pascal, queremos *viver cristãmente*, lutando pela nossa santificação individual, e pela extensão do reino de Deus a todos os sectores da atividade humana que é o ideal sublime da Ação Católica.

AVISO

Com êste número está terminada a assinatura de todos aqueles que receberam desde o número 1 de nossa revista. Esperamos que a renovem antes da saída da próxima edição para que assim não deixem de receber "EDUCANDO".

Ganhando Tempo

Dulce Botelho JUNQUEIRA

Aquela escola era bem longe e eu queria visitá-la

Conversei com um camarada a respeito.

— "Partindo bem cedo e o animal sendo bom, passará pelo Pão de Angú às 9 chegando lá às 11".

Pensei:

— "Irei amanhã. Do meio dia às 4 terei tempo para a inspecção. O'timo."

E o camarada continuou:

— "Siô Quincas é de lá e poderá informar melhor. Êle hoje está na cidade."

Procurei siô Quincas — um velho modesto, respeitável, magro e rijo, de barbas brancas.

Explicou-me que a viagem era longa e que pelo Pão de Angú seria volta: deveria ir pelo Agripino.

No outro dia saí ainda muito cedo e fui pelo Agripino, onde cheguei tarde e fiquei. Inutil continuar: as aulas já teriam terminado... Um dia perdido aquele...

Siô Agripino estranhou meu roteiro: se queria ir àquela escola, o caminho mais curto teria sido pelo Pão de Angú...

Na manhã seguinte toquei para a escola. Encontrei-a a funcionar na *casa santa* (nome que os roceiros dão às casas pertencentes à Capela, onde os padres se hospedam). Perguntei pelo inspetor escolar da localidade e soube que era o próprio Siô Quincas. A professora desculpou-o: que não me procuraria porque estava viajando. (No entanto bem o reconhecí a atravessar o largo no momento em que eu entrava a cavalo no povoado).

Depois, aos poucos fui adivinhando... Siô Quincas era sogro da professora, a quem queria como filha no dizer de todos... E compreendí porque o bom velhinho me enganara. Mentira para ganhar tempo, pois mal acabara de falar comigo na cidade, galopeara ligeiro de retôrno a tomar medidas necessárias à minha recepçpão.

E, emquanto eu andava volteando por montes ermos, êle providenciava a mudança da escola de uma saleta minúscula de sua própria casinha para a *casa de santo*, fazia portadores às fazendas e sítios próximos para que lhe mandassem crianças de roupa limpa, tomava emprestado os bancos da Capela e arranjava alguem que se incumbisse dos filhinhos da nora.

E êle mesmo eclipsou-se quando a visita importuna chegou.

Fiz à Secretaria o relatório exato da visita da escola como Siô Quincas a encenara. A' outra, à escola de verdade que entreví e adivinhei, àquela escola que o inspetor local camuflara, não fiz referência.

Foi mal? Mas ainda era de tanta miséria o quadro apresentado... Não sou heroina. E só heróis alcançam encarar a realidade rural do Brasil em sua crueza, sem véus e sem disfarces.

QUESTÕES DE PORTUGUÊS

J. Lourenço de OLIVEIRA

Da Conjugação Portuguesa

SUMÁRIO — Quadro dos tempos primitivos e derivados — Exemplo de conjugação segundo êle — O processo das derivações — Vantagens do método.

Reproduziremos hoje a lição (já dada) a respeito da conjugação segundo o quadro dos tempos primitivos e derivados, porquanto a outra publicação se eivou de alguns erros, pecando, ainda, por uma disposição material pouco clara.

QUADRO DOS TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS

TEMPOS PRIMITIVOS	TEMPOS DERIVADOS
I. Presente do indicativo	1. Presente do subjuntivo 2. Presente do imperativo 3. Pret. imperf. do indic.
II. Pretérito perf. do Indic.	1. Pret. m.q. perf. do indic. 2. Futuro do subjuntivo 3. Pret. imperf. do subj.
III. Infinito impessoal	1. Fut. imperf. do indic. 2. Fut. condic. do indic. 3. Infinitivo pessoal 4. Gerúndio 5. Particípio passado 6. Particípio presente

OBSERVAÇÕES

1. São tres os tempos primitivos: *presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo* e *infinitivo impessoal*.

2. São doze os derivados, distribuídos como no quadro acima.

3. Nas gramáticas modernas, já o *condicional* é apresentado como um *Tempo* do modo *indicativo*, e não como sendo um *modo*, o "modo condicional" das gramáticas comuns.

4. O *particípio presente* é hoje mero adjetivo ou substantivo, em português, como se verá de palavras como *estante, presente, amante, pedinte, obediente, escaldante*, etc. Mas, se perdeu a fôrça verbal, entretanto não perdeu a sua ligação temática com o infinitivo impessoal, de onde se deriva.

5. Não se confunda *particípio presente* com *gerúndio*. O particípio presente caracteriza-se pela desinência — NT —, ao passo que o gerúndio termina em — ND — amaNTE, amaNDO.

CONJUGAÇÃO DO VERBO PÔR

Conjuguemos o verbo *pôr*, verbo irregular da *segunda* conjugação, de acôrdo com o quadro dos tempos primitivos e derivados.

As formas salientadas, no presente do indicativo e no pretérito perfeito, são as formas *primitivas*, ou formas pelas quais se explicam os tempos *derivados*.

I PRESENTE DO INDICATIVO — *Ponho, pões*, põe, pomos, *pondes* põem.

1. *Pres. do subjuntivo* — ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
2. *Presente do imperativo* — põe (ponha, ponhamos), ponde, (ponham).
3. Pret. imperf. do indic. — punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.

II PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO — pus, pusestes, pôs, pusemos, pusestes, *puseram*.

1. *Pret. m. q. p. do indc.* — pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
2. *Futuro do subjuntivo* — puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
3. *Pret. imperf. do subj.* — pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos puséssseis, pusessem.

III INFINITO IMPESSOAL — pôr.

1. *Futuro do indicativo* — porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
2. *Fut. condicional do indic.* — poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
3. *Infinito pessoal* — pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
4. Gerúndio — pondo.
5. Particípio passado — pôsto
6. *Particípio presente* — poente (subst.).

PROCESSO DE DERIVAÇÃO

TEMA DO PRESENTE

Presente do subjuntivo — Da forma *ponho*, primeira pessoa do singular do presente do indicativo, nasce o presente do subjuntivo, trocado o "o" por "a": *ponha, ponhas, ponha*, etc.

Nota — O "o" troca-se por "a" nos verbos da *segunda* e *terceira* conjugação. Assim como *pôr*, da segunda, faz "ponha, ponhas, ponha", etc., o verbo *vir*, da terceira, faz (de *venho*) "venha, venhas venho", etc.

Se o verbo é de *primeira* conjugação, troca o "o" por "e". Assim, *amar*, de "amo" faz "ame, ames, ame", etc.

Imperativo — Das segundas pessôas *põe* e *pondes*, eliminado o "s", obtém-se o imperativo que costumam trazer as grámaticas: põe (tu), ponde (vós).

Nota — O imperativo das formas "tu" e "vós" foi transmitido à língua portuguesa pelo latim. O romano, falando a *uma* pessoa, chamava-a

por "tu", forma da *segunda* pessoa do discurso. Chamava-as por "vós", quando se dirigiia a *mais de uma* pessoa, sendo "vós" a forma do plural para a *segunda* pessoa do discurso.

O respeito à forma da *segunda* pessoa do discurso foi, por exemplo, mantido pela língua francesa e pela língua inglesa. Mas, entre nós, vulgarizou-se o uso de empregar o tratamento *você, o sr., v. excia.*, etc., que são formas de *terceira* pessoa gramatical, quando falamos a alguém (a pessoa *com quem falamos* ou *segunda* pessoa do discurso). De sorte que a forma é de *terceira* pessoa, mas realmente se trata da *segunda* pessoa.

Foi necessário criar *imperativo* para essa forma de tratamento e o recurso consistiu em tomar de empréstimo ao subjuntivo as formas necessárias: *ponha, ponhamos, ponham.*

Dêsse modo, o *imperativo* completo do verbo "pôr" é: *põe* tu, *ponha* você, *ponhamos* nós, *ponde* vós, *ponham* vocês.

Pretérito imperfeito do indicativo — O pretérito imperfeito do indicativo — *punha, punhas, punha*, etc. — é mais fácil de conjugar do que explicar. A característica latina dêsse tempo era "ba", que ainda se percebe, em português, sob a forma "va", nos verbos da primeira conjugação — conta*va*, conta*vas*, etc. Mas a evolução fonética, em geral, fez desmaiar e até desaparecer a característica. Remetemos o leitor para uma gramática histórica.

TEMA DO PRETÉRITO

Da forma *puseram*, 3.ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, se derivam os tres tempos nascidos do tema pretérito.

Pretérito m.q.p. do indicativo — Eliminando o "m" de *puseram*, obtém-se o pret. m.q.p. do indic. — *pusera, puseras, pusera*, etc.

Futuro do subjuntivo — Eliminando o "am" da forma *puseram*, obtém-se o futuro do subjuntivo — *puser, puseres, puser*, etc.

Pretérito imperfeito do subjuntivo — Substituído o "ram" por "sse", na forma *puseram*, obtém-se o pretérito imperfeito do subjuntivo — *pusesse, pusesses, pusesse*, etc.

TEMA DO INFINITIVO

Futuro do indicativo — O futuro imperfeito e o futuro condicional do indicativo são chamados tempos de formação românica. São comuns ao português, ao espanhol, ao italiano e ao francês. Não correspondem ao latim. Vieram da chamada língua romance, uma espécie de latim anterior às línguas neolatinas.

Realmente, o futuro imperfeito constitue-se do infinito do verbo mais o presente do indicativo do auxiliar *haver*, escrito sem hagá: *ei, ás, á, emos, eis, ão*. Daí o futuro do verbo "pôr": por*ei*, por*ás*, por*á*, etc.

Futuro condicional do indicativo — O futuro condicional constitue-se com o infinitivo do verbo mais o pretérito imperfeito do indicativo do auxiliar *haver*, escrito sem hagá e sob uma forma hoje arcaica: *ia, ias, ia, íamos, íeis, iam* em vez de hia, etc., formas avançadas de *havia, havias, havia*, etc. Daí o futuro condicional de "pôr": por*ia*, por*ias*, por*ia*, etc.

Infinitivo pessoal — O infinitivo pessoal é o próprio infinitivo impessoal acrescentado com desinências características das pessoas: *pôr, pores, pôr,* etc.

Êle constitue um exemplo daquilo a que os gramáticos chamam *idiotismo* ou *idiomatismo,* isto é, uma cousa privativa do idioma português: é tempo que outras línguas não teem.

Gerúndio e *particípios* — Vimos que o gerúndio se caracteriza por "nd" e o particípio presente, por "nt". O particípio passado, quando oferece dificuldade, por ser, como dizem as gramáticas, irregular, traz uma forma que não poderíamos explicar aqui, dentro do processo das derivações. E' sempre alguma forma que veio diretamente do latim. Assim, o particípio do "pôr", que é "pôsto", procede do latim "pósitus".

VANTAGENS DO MÉTODO

Como pode ver-se, é pedagógico e é natural que se conjuguem os verbos segundo o quadro dos tempos primitivos e derivados.

Infelizmente, até hoje, nossas gramáticas persistem no costume de distribuir a conjugação pela ordem dos modos, cada modo com seus tempos.

E' um processo que nos veio das velhas gramáticas latinas. E' êle comum, também, às gramáticas francesas.

Entretanto, as gramáticas latinas modernas já adotaram o processo racional de distribuir a conjugação de acôrdo com o parentesco temático dos tempos.

Tôda a conjugação latina repousa, diz *Ernout,* em o contraste dos temas do presente (*infectum*) e do perfeito (*perfectum*).

Ora, segundo vimos, estudando a formação dos tempos derivados do tema do *presente* e a dos tempos derivados do tema do *perfeito* (ou pretérito), também em português se percebe o contraste entre os dois temas. E' que o português o herdou do latim.

Tempo é já de as gramáticas racionalizarem a conjugação portuguesa, introduzindo o método das forma rizotônicas, bem como o dos tempos primitivos e derivados.

Com o quadro dos tempos primitivos e derivados e com a técnica das formas rizotônicas pode resolver-se, quasi por completo, o problema da conjugação portuguesa.

ERA UMA VEZ...

Redação: - Avenida Cristovão Colombo, 92

BELO HORIZONTE

ASSINATURA ANUAL . : 24$000

A Revista encantadora que Vovô Felílcio criou para auxilio ao professor primário, apôio aos pais e delícia da criança brasileira.

RENDIMENTO ESCOLAR

L. M.

Um dos problemas de grande importância na escola primária é, sem dúvida, a medida do trabalho escolar. Por largo período o contrôle da aprendizagem foi feito através de provas períodicas, chamadas clássicas, pela herança que trouxeram dos primeiros tempos da escola, em que somente as disciplinas clássicas serviam de base para verificação do grau de desenvolvimento dos alunos. Na Idade Média, por exemplo, o latim dominava os estudos; o aluno que conseguia fazer uma prova no estilo de Cícero, revelava desenvolvimento, inteligência e o preparo exigido. Até os nossos dias a medida do rendimento escolar apresentou vestígios dessas provas clássicas pela sua organização (exposição longa de pontos memorizados), critério subjetivo de julgamento, etc., etc..

No século passado, entretanto, as pesquisas efetuadas no campo educacional, refletindo-se em todos os trabalhos escolares, vieram determinar uma série de medidas que garantissem a aprendizagem e facilitassem o seu contrôle.

Daí a introdução de vários fatores até então desconhecidos; melhor organização escolar, homogeneização das classes, consideração das diferenças individuais, maior assistência aos alunos, programas adequados aos seus interêsses e capacidade, etc., etc..

A educação, em geral, e não sómente a matéria de ensino, foi considerada suceptível de aferimento. Tanto o conhecimento adquirido como o desenvolvimento mental, as aptidões especiais, as qualidades de caracter podem ser medidos. A educação apresentada como rendimento permite: *observação, graduação* e *medida*. Assim, as provas escolares foram se transformando em meios significativos de contrôle do desenvolvimento geral do educando, permitindo ao mestre julgar com maior objetividade o rendimento escolar, o valor dos métodos empregados, as causas que influiram, melhorando ou prejudicando a eficiência do ensino.

Em Minas, desde 1931 uma nova organização domina todo o ensino primário, melhorando-o e elevando-o continuadamente.

O contrôle da aprendizagem, obedecendo aos vários fatores já citados linhas atrás, realiza-se nesses últimos anos por processos mais científicos, através de testes organizados pelo Departamento de Educação do Estado, aplicados e corrigidos, de modo uniforme, por professoras técnicas.

Os resultados do sistema educacional que nesses últimos anos veem orientando o ensino em nosso Estado, acabam de ser divulgados pelo Chefe do Departamento, Dr. Eliseu Laborne e Vale que, em síntese feliz, focalizou os principais aspectos do ensino primário em Minas, como sejam:

1.º — Distribuição racional dos alunos pelos 4 anos do curso, a qual tende a normalizar-se conforme se pode observar pelo seguinte quadro de matrícula dêsses últimos anos.

Matrícula geral em

	1938		1940	
1.º ano	7.293	42,1%	8.085	40%
2.º ano	4.883	28,2%	5.522	27%
3.º ano	3.097	17,8%	4.236	21%
4.º ano	2.063	11,8%	2.278	11%

2.º — Problema da repetência no 1.º ano que, em 1938, era de 55% e em 1940 desceu a 48%.

3.º — Fatores que influiram favoravelmente na sensível melhoria do rendimento escolar: a) melhor organização escolar;

b) homogeneização das classes de 1.º ano por meio de testes iniciais nas classes de novatos e pela idade, escolaridade e grau de adiantamento nas classes repetentes com medidas de rajustamento no fim do 1.º trimestre.

c) Maior assistência aos professores e alunos, vitalizando métodos, incentivando atividades, etc., etc..

4.º — Valor econômico que essas medidas adotadas e mantidas com continuidade representam para o Estado.

A exposição do Exmo. Chefe do Departamento da Educação tornando público o grande movimento que vem agitando num progresso crescente a educação primária em Minas, despertou justificado interêsse em todas as esferas educacionais do país.

As lisongeiras apreciações com que a imprensa, em geral, se referiu à orientação pedagógica observada em nossas escolas, no govêrno do esclarecido Governador Valadares, é motivo de justo orgulho e novo estímulo para o professorado mineiro que vem colaborando, com seu esforço e capacidade, para o completo êxito da orientação que ora norteia os objetivos educacionais do Estado.

Assim se expressou o Sr. Dr. Eliseu Laborne e Vale ao terminar a saudação que dirigiu aos professores primário, no início do ano letivo:

"O Governo do Estado, mestres mineiros, agradecendo e proclamando a vossa ativa e dedicada cooperação, transmite a todos vós, neste dia em que entrais no pleno exercício de nova fase letiva, os seus votos de felicidade e a certeza de que hoje, como no passado, sois sempre os mesmos: educadores e brasileiros".

COLEÇÃO 1940

Já está à venda a coleção composta de 8 números de EDUCANDO saídos durante o ano de 1940. Uma coleção de nossa revista constitue preciosa publicação para os professores, dada a variedade e excelência de seus diversos artigos, gravuras e orientações práticas.

Em suas diversas seções o professor encontrá material para comemorações de datas cívicas, organização de auditórios e atividades extra-escolares.

São os seguintes os preços estipulados:

Coleção — números separados — 24$000. Pelo correio — 25$000
Coleção — encadernada em percaline — 30$00
Números avulsos de 1940 — 3$000

Pedidos para esta redação

Educação Física Infantil

Guiomar Meireles BECKER
(PROFESSORA NA E. DE APERFEIÇOAMENTO)

PITUCHINHA • DE MARIETA LEITE

(ADAPTAÇÃO)

Pituchinha é uma bonequinha. Ela está dormindo na caixinha.

Pituchinha mora numa loja de brinquedos. Pituchinha acorda.

Chii... Está escuro!... Pituchinha não tem mêdo do escuro.

Ela vai fugir da caixinha. Ela vai buscar um doce. Pituchinha sai batendo com os pés, para mostrar que não tem mêdo! (*marcha batendo com os pés*) Pituchinha sai marchando em volta da caixinha de Pom-pon (*marcha em círculo*).

Tudo está quietinho... quietinho... As bonequinhas dormem. Polichinelo dorme. A gatinha amarela dorme. Pituchinha acorda Polichinelo. Ele ainda está com sono. Espreguiça-se (*flexionamento dos ante-braços*, diferentes planos). Polichinelo foi experimentar se suas pernas estavam bem fortes (*flexão e extensão das pernas, joelhos afastados*). Êle era bem valente. Disse a Pituchinha: Faça como eu! (*afastamento lateral — flexão e extensão do tronco*). Polichinelo acendeu a vela. Pituchinha apagou a vela (*jôgo respiratório — apagar a vela*). Pom-pon apagou a outra vela (*apagar a vela*).

Pituchinha vai buscar o doce. O doce está dentro da lata amarela. Pituchinha não tem mêdo do escuro. Ela vai devagarinho... pé cá... pé lá... pé cá... pé lá... (*marcha nas pontas dos pés*). Acorda Pom-pom. Acorda Polichinelo. E lá vão os tres... pé cá... pé lá... (*marcha na ponta dos pés*).

A lata mararela está lá no alto! Pituchinha é pequenina. Polichinelo é pequenino. Pom-pom é pequenina, pequenina. E a lata está lá no alto! Como há de ser?

Políchinelo tem força! Ele suspendeu Pituchinha (*trepar*). Pituchinha trepou na mesa (*trepar*). Upa, Pom-pom! (*trepar*). Pom-pom está lá no alto. Ela puxou a lata. A lata caiu. O soldado da loja acordou. Pom-pom pula no chão (saltar). Pituchinha pula no chão (*saltar*). Polichinelo dá três pulos no chão (*saltar*). Êles apanham a lata de doce (*levantar e transportar*). A lata é pesada!...

Chi... lá vem o soldado! Êles correm, correm (*correr*). O soldado já vem chegando... Pituchinha joga o doce no soldado (*lançar*). Pom-pom joga o doce no soldado (*lançar*). Polichinelo joga a lata no soldado (*lançar*).

O soldado quer prender os bonecos, mas êles são espertos. Êles lutam com o soldado (*atacar e defender-se*).

O soldado amarra Polichinelo na caixinha. Êle amarra Pom-pom também.

Emquanto isso, os outros bonecos

da loja, livres do soldado, estão brincando de "Morto e Vivo". O soldado ainda está amarrando Pituchinha na caixinha. Então, êles mudam de brinquedo. Porque Polichinelo está preso, êles brincam. "Polichinelo quer fugir".

O soldado não é bobo, não. Êle já vem chegando (*marcha lenta*).

O soldado vai apagando as velas (*jogo respiratório*).

Chi... está escuro! O soldado não tem mêdo do escuro. Êle não vê nada. Mas... ouve Pom-pom que está cantando:

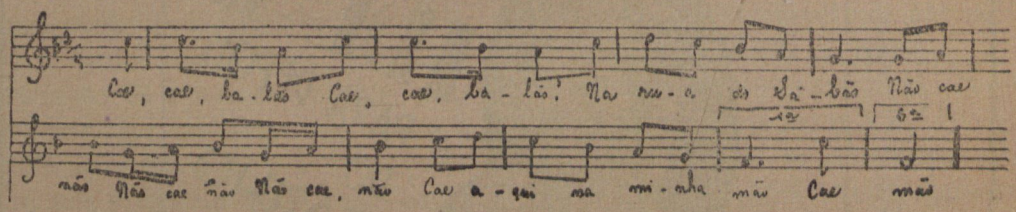
Trepar — Polichinelo suspendeu Pituchinha. Pituchinha trepou na mesa. Upa, Pom-pom!

Saltar — Pom-pom pula no chão! Pituchinha pula no chão. Polichinelo dá três pulos no chão.

Levantar e transportar — Êles apanham a lata de doce.

Correr — Pituchinha, Pom-pom e Polichinelo correm do soldado.

Lançar — Pituchinha joga o doce no soldado. Pompom joga doce no soldado. Polichinelo joga a lata no soldado.



O soldado puxa a espada! E cada um vai ficando quietinho... quietinho...

SESSÃO PREPARATÓRIA

Evoluções — marcha batendo com os pés — marcha em círculo.

Flexionamentos:

braços: Polichinelo espreguiça-se (plexionamento dos ante-braços) diferentes planos);

pernas: Polichinelo foi experimentar se suas pernas estavam bem fortes (flexão e extensão das pernas, joelhos afastados);

tronco: Faça como eu! (afastamento lateral (flexão e extensão do tronco.

Jôgo respiratório — apagar a vela.

LIÇÃO PROPRIAMENTE DITA

Marchar — pé cá... pé lá (marcha na ponta dos pés).

Atacar e defender-se. Êles lutam com o soldado (o boxeador).

Jogos:

Morto e Vivo (trepar).

Polichinelo quer fugir (ataque e defesa).

VOLTA A' CALMA

Marcha lenta, com jôgo respiratório — O soldado já vem chegando. Vai apagando as velas.

Marcha com canto — Pom-pom está cantando.

Exercícios simples de ordem — O soldado puxa a espada! E cada um vai ficando quietinho... quietinho...

JOGOS

Morto e Vivo: Estando as crianças em círculo, ao redor da professora, deitam-se vivamente no chão, à indicação: *Morto!* E se levantam

rápidamente, quando a professora disser: *Vivo!*

Polichinelo quer fugir: As crianças formam-se em círculo, dando-se as mãos. Uma, o Polichinelo, irá para o centro. As crianças que formam o círculo, levantam as mãos para encorajar o Polichinelo a sair do interior do mesmo. Quando, porém, Polichinelo tenta sair, elas baixam as mãos, curvam as pernas, formando, assim, uma barreira. Quem deixar Polichinelo escapar será o novo prisioneiro.

(*Do livro a sair brevemente sôbre Educação Física Infantil, de acôrdo com o "Programa em Experiência" da Secretaria do Estado*).

A Escola e a Abolição

Manuel CASASANTA

Efeito, talvez, do nosso incurável sentimentalismo ou da ressonância das grandes vozes poéticas do movimento abolicionista, parece fora de dúvida que a escola situa em plano falso a comemoração do 13 de maio.

Leiam-se os programas organizados para solenizar a abolição. De seu exame só nos resta concluir, com uma ponta de melancolia: engalana-se a escola menos para festejar a redenção de uma raça do que para estigmatizar um êrro. E, o que é mais, êrro cometido por todos quantos, nos primeiros quatro séculos da vida brasileira, argamassaram os fundamentos da nacionalidade.

A escravidão no Brasil, hoje em dia ninguém contesta, foi uma fatalidade histórica. A escassez do homem branco, civilizado e civilizador, tornava précario o domínio da terra descoberta por Pedro Alvares. Urgia manter a conquista e assentar em bases firmes a colonização, explorando e lavrando a terra.

A experiência indígena redundara em desastre.

Vivendo na idade da pedra polida, o selvagem não se ajeitava às formas do trabalho europeu, salvo quando atendia ao seu nomadismo ou lhe exercitava o instinto de combate. Neste caso, o papel do índio é relevante: defende rebanhos, guarda os currais, vara os rios no dorso das canoas e, com o arco em pontaria, vanguardeia as "bandeiras" ou enquadra a tropa de choque, se a jornada é de guerra.

Mas, voltando ao negro, já se havia generalizado o comércio escravo, antes mesmo do descobrimento. Lisboa era um mercado onde se vendiam "peças" africanas. A colônia do Brasil se apresentava à Metropole como excelente consumidor. Pagava-lhe em bom dinheiro a mercadoria de que tanto necessitava. Libertava-a do encargo de a prover de mão de obra. Devolvia-lhe os navios atestados de produtos da terra.

A' medida que se alargavam e se expandiam os focos iniciais da colonização, por igual se acentuava o valor do braço negro. Donde asseverar, judiciosamente, um historiador que os escravos foram em grande parte os construtores materiais do Brasil. Ao africano, de estado social mais elevado que o índio, estava reservada uma tarefa rude e numerosa: a extração do pau de tinta; o plantio e a cultura dos canaviais; a fabricação do açúcar na colmeia dos engenhos; a faina ruidosa das minas, que repousou no ombro escravo, porque "todo africano é um metalurgista nato" e, finalmente, a cultura dos cafezais que invadiu a terra fluminense, saltou a serra do Mar, espraiando-se por São Paulo e Minas.

A extração do pau de tinta, o plantio dos canaviais, a cultura do café são os títulos da dívida de nossa Pátria para com a raça escrava. Mais vale reconhecer tamanho débito que evocar episódios ou compor cenas que recordam a miséria, o sofrimento das senzalas. A escravidão

NOSSA GRAVURA

E O ENSINO DA GEOGRAFIA

M. L.

E' prática ainda pouco difundida entre nós o aproveitamento das gravuras no ensino da geografia. Pois estamos perdendo com isso rica fonte de informação e, o que é mais, um grande meio de educar a nossa criança na conquista própria de conhecimentos e na capacidade de interpretar relações e fatos geográficos.

O uso da gravura em geografia diverge algum tanto do seu uso no ensino da língua. Ela própria, em si, traz uma diferença. Fato geográfico é fato real, localizado no espaço e, assim, as nossas gravuras geográficas não dispensam legendas que as localizem e expliquem. Enquanto que as outras abrem um campo sem fronteiras ao gôsto e à imaginação da criança, estas querem guiar o pensamento para a evocação de uma realidade que não pode ser deturpada. Daí as primeiras condições a se exigirem delas: que sejam autênticas (fotografias ou reproduções do original) e que tenham título: o fato que representam e onde foi colhido êsse fato. Mesmo que em algumas condições as gravuras tenham que ser apresentadas à criança sem qualquer explicação, esta não deve faltar à classificação delas para uso da professora.

A gravura torna-se mesmo indispensável ao ensino da geografia, tendo-se em vista os princípios que regem a nova metodologia da matéria. Citemos algumas das razões que justificam o seu emprego:

1 — A gravura é uma fonte original de idéias geográficas. Seu uso bem orientado representa economia de esforço e tempo.

2 — Auxilia a imaginação da criança, dando-lhe idéias corretas para pensar.

3 — Auxilia a compreensão de regiões distantes, quer quanto ao meio ambiente, quer quanto aos ajustamentos humanos .

4 — Suscita numerosas idéias sôbre uma determinada região e assim contribue à exata compreensão para interpretações geográficas.

5 — Quando representa atividade humana ao natural, é o melhor substituto, utilizável na escola, para a própria realidade.

---

teve a temperá-la a brandura dos costumes e a fina sensibilidade de nossa gente. Vem a pêlo relembrar que, se em outros países a liberdade dos negros obedeceu a exigências econômicas, visto como o trabalho escravo embaraçava o desenvolvimento industrial, aquí realizamos a abolição por motivo de ordem moral e espiritual, sangrando sem piedade as fontes de nossa economia.

Seria de justiça a recapitulação desses fatos na data de 13 de Maio. Fatos que, se não nos envaidecem, também não nos humilham.

A colheita da cana na planicie fluminense

Por todas essas razões, pensamos que nenhuma professora deve descuidar da sua coleção de gravuras utilizáveis no ensino da geografia, cousa, aliás, fácil de obter-se. As nossas revistas e jornais ilustrados e, agora, os modernos prospectos de propaganda, nacionais e estrangeiros, oferecem-nos o que de melhor poderiamos desejar. Basta que saibamos fazer uma boa seleção e classificação. Como todas as gravuras, elas, sob o ponto de vista pedagógico, podem ser boas ou más, pobres ou ricas. Boas são aquelas suficientemente nítidas, bem feitas, (melhor as coloridas). Ricas, aquelas que apresentam atividades do homem ligadas ao ambiente natural. Pobres, mas nem por isso inútes ao estudo da geografia física, aquelas que apenas representam ambientes geográficos naturais.

Quisemos dar, hoje, um exemplo de gravura geográfica. Do ponto de vista gráfico, ela deixa a desejar. Reprodução de uma outra grande e colorida, esta perdeu, com a reprodução, em nitidez e beleza. Do ponto de vista da matéria podemos classificá-la como ótima. Representa uma atividade comum nas planícies brasileiras, como seja a cultura da cana. Relaciona-se à produção açucareira do país. Lembra os grandes engenhos. Mostra como é feita a colheita, a utilização do carro de bois, o auxílio de menores, meninos e meninas, o que faz pensar no emprêgo de toda a família na época da colheita da cana. Dificilmente a palavra da professora poderia evocar, com tanta precisão e minúcia, impressão igual à produzida pela análise desta gravura.

Cremos que está sobejamente justificado o aconsehlarmos às colegas a utilização de gravuras geográficas. Daquí iremos estudando os seus usos que são muitos e variados, certas de que ventilaremos assunto de muito valor para o ensino da matéria e que se justificaria só pelo fato de prover ao interêsse da criança e à maior exatidão de seu pensamento.

NOTA — A gravura de hoje foi reproduzida de uma belissima fotografia a côres, publicada a revista "Nossa terra", editada no Rio de Janeiro .

Associação Taquigráfica Paulista

— (GRATUITO) —

A iniciar-se em principios de Junho sob a direção do prof. JOÃO FERNANDES

•

Informações á R. RIO DE JANEIRO 371

Sala 4 — Fone 2-6570

A LOJA ESCOLAR

DA SUA ORGANIZAÇÃO NUMA CLASSE PRIMA'RIA DE 1.º ANO

Desenhos de Elza Coelho Junior

Helena Xavier d'AGUIAR

A loja é uma atividade ligada ao ensino geral da aritimética, trabalho manual, geografia, língua pátria e vida social.

Desde que apareça a necessidade de sua instalação, sob o ponto de vista de "Trabalhos manuais", podemos organizar o seguinte plano:

1.º — Apresentar, com o fim de despertar ou aumentar o interêsse das crianças, uma série de desenhos, representando o móvel destinado à Loja, e que será o objetivo visado.

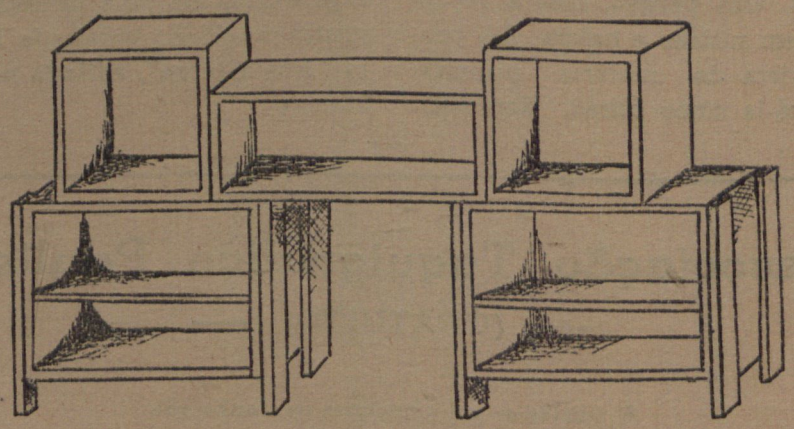
2.º — Discutir as dimensões do móvel em relação ao local, espaço a ser ocupado, onde deverá ficar a loja: em relação ao "movimento" que se espera venha a ter a atividade em aprêço; e, finalmente, atendendo-se ao tamanho das crianças.

3.º — Discutir, também, ou melhor, aceitar a discussão a que naturalmente serão levados os alunos, sôbre a espécie do móvel que deverá ser construido — estante ou armário.

A primeira é de construção mais fácil, porém oferece menos segurança às "mercadorias" da loja. O segundo, podendo ser trancado, evita mais os desvios dos "artigos".

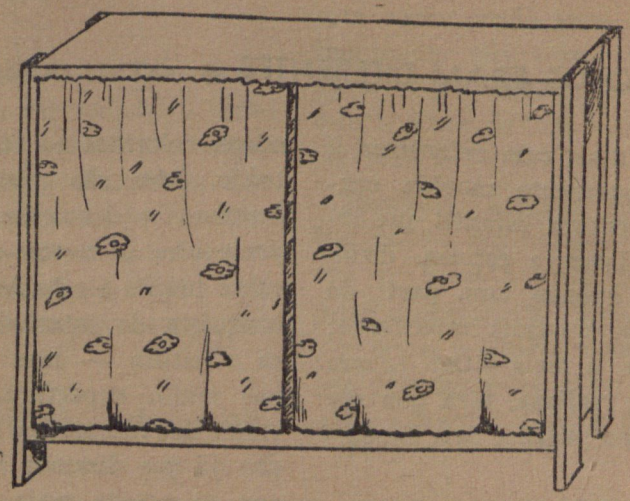
4.º — Estabelecidos êsses pontos, cuidar-se-á de saber quais as ferramentas que serão utilizadas, sendo aconselhável a organização da relação seguinte: — régua, esquadro, serrote, grosa e martelo.

5.º — Separados os instrumentos, vamos cuidar do material, que será escolhido de acôrdo com a lista a seguir: — lápis, lixa, tábuas, pregos e percevejos, lima, papel de lima, cola, pincel, verniz e tinta.

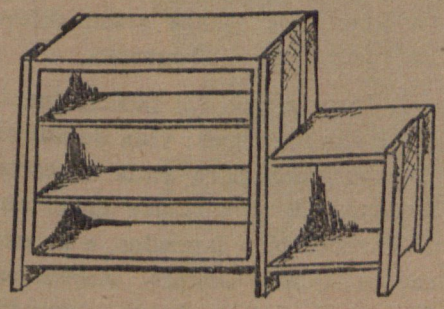


6.º — E, por último, iremos proceder à construção. Esta começaria, digamos, levando as crianças a

escolher as tábuas, que poderão ser de pinho e aproveitadas, por exemplo, de caixotes. As tábuas serão escolhidas de acôrdo com as dimen-



sões do móvel. Depois de passar a grosa, e obedecendo ao desenho, com o auxílio do esquadro, as crianças riscarão nas tábuas as linhas que indiquem a direção em que devem ser serradas, para logo em seguida, empregarem o serrote, ficando assim, com as diversas partes do móvel em condições de se prosseguir na construção. Terminada esta operação, acertam-se as extremidades e, fazendo uso da grosa e, depois, da lixa, concluirão o pre-



paro de cada uma das tábuas que, além disso, devem apresentar os entalhes e encaixes, tudo de acôrdo com o modêlo, isto é, o desenho escolhido.

Procederão, desde que estejam devidamente aparelhadas as diversas peças, à montagem do móvel, pregando umas às outras as tabuas, ou encaixando-as, se for êste o caso, para depois pregá-las, ou ainda usando a cola em lugar de prego, se o modêlo escolhido assim o indicar.

Efetuada essa operação, se for armário, se ajustarão as portas, as fechaduras e dobradiças, para depois voltarem a usar a lixa e só então, procederão à pintura ou ao envernizamento. Se pintura, poderão escolher mais de uma côr, para dar mais vida ao móvel.

Quando se trata de estante, poderá ela ser recoberta, na parte da frente, por uma cortina de um tecido de padrão e qualidade adequados, para o que as crianças farão uso da fita métrica para a medida da fazenda, usando, finalmente, a tesoura, a agulha, linha e dedal para o trabalho a ser realizado.

Desnecessário será frisar que, em tôdo êsse trabalho, as crianças serão dirigidas e auxiliadas pela professora de Trabalhos Manuais.

(Colaboração da Cadeira de Desenho e Trabalhos Manuais da Escola d eAperfeiçoamento).

LITERATURA INFANTIL

Marieta LEITE

OS BICHOS ERAM DIFERENTES • VICENTE GUIMARÃES

Há poucos dias, com referência à campanha justamente movida contra a má literatura infantil que invade nossos lares e escolas, dizíamos: esta é apenas uma parte do trabalho, e não é a mais importante; a outra parte a mais difícil e, sem dúvida, mais valiosa, terá que ser feita no campo prático, pela concorrência.

Se há uma necessidade a exigir o produto, e se êsse produto é de qualidade inferior, êle só poderá ser combatido por outro produto de qualidade superior.

E' o que se dá atualmente no campo da literatura infantil brasileira. A necessidade da leitura torna-se cada vez maior para a criança, incentivada hoje pelos pais, pela escola, pela propaganda de editoras e livrarias, pela própria vida. O campo está pois aberto para a grande luta entre os bons e os maus livros. E os mais indicados à vitória serão, naturalmente, aqueles capazes de conquistarem, por si sós, um lugar na preferência da criança. E a conquista se torna cada vez mais difícil. A deturpação do gôsto infantil, conseguida por histórias hiper-excitantes, com proezas incríveis de bandidos "versus" polícia e com *heróis* fabricados em cada dez linhas, é uma muralha a ser atacada.

Pois nos parece que os chamados *bons* livros nem sempre se armam devidamente para atacar a muralha. Se os outros são alegres, dinâmicos, coloridos no feitio e no conteúdo, êstes são tristes ou piegas, insonsos e doutorais, sempre com pretenções a mestre-escola. E' assunto batido e rebatido êste — o da conquista do interêsse infantil para a leitura — mas a prática apenas muito superficialmente tem se valido das discussões. Para confirmação do que dizemos basta verificar que os nossos mais conhecidos escritores para criança ainda não se resolveram a traçar uma linha divisória entre a literatura infantil e a leitura de informação. Se essa é uma tecla muito batida, convenhamos que ainda está desafinada para o concerto educacional.

Como interessados, e dos maiores, no epílogo da luta, nós, os professores, sempre vemos de bom ânimo os progressos de nossos aliados: os escritores de bons livros.

E Vicente Guimarães é um aliado que está progredindo. O seu novo livro "Os bichos eram diferentes" patenteia o progresso.

A fonte a que foi buscar inspiração é das melhores: vida de animais. A motivação para cada história é um apêlo à curiosidade da criança; os enrêdos bem lançados, e as explicações quasi sempre engenhosas. Os característicos de um bom livro nêle se apresentam quasi todos: bôa construção, espírito elevado, linguagem correta, bons sentimentos e, além de tudo isso, interêsse.

Corrigiríamos, talvez numa ou

noutra história, pouca cousa; aquí um acúmulo desnecessário de incidentes, alí um excesso de ingenuidade, acolá um deslise de sentimento...

Mas "Os bichos eram diferentes" é livro fadado a ser conhecido, dentro em pouco, de todas as crianças e de todas as pessoas grandes que lidam com crianças. As professoras encontrarão nêle bom material para indicar à leitura individual e ainda para leitura delas aos mais pequeninos.

A confecção honra o labor gráfico mineiro. As ilustrações, a dedicatória muito original, o prefácio e, ainda, o apêlo em forma de carta com que o autor fecha o livro, tudo está concorrendo para que o "ego" dominador que existe em cada criança seja perfeitamente satisfeita com a posse de "Os bichos eram diferentes".

Resta-nos esperar que não seja êste nem o último nem o melhor livro de Vicente Guimarães. A sua faina diuturna em "Era uma vez..." e o trato intensivo com a infância hão de apurar-lhe cada vez mais os dotes naturais: jeito e gôsto.

Av. Aff. Penna, 1050 - Tels. 2-1607 - 2-3016 - Caixa Postal, 14 - B. Horizonte

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

Três estrelazinhas

Murilo ARAUJO

Três estrelazinhas vão subindo o monte.
Vão tão devagar...
Pode a gente olhar, olhar para o horizonte:
não as sente andar.

Três estrelazinhas vão subindo a serra
como se seguissem Cristo com os Judeus.
Sua luz não erra...
Vão se encaminhando para os pés de Deus.

Três estrelazinhas vão subindo o monte.
Roçam nas pedrinhas,
tremem aos boléus.
Uma está baixinha,
outra acolá, defronte;
e a maior, mais linda, quasi toca os céus.

Três estrelazinhas vão subindo a serra.
Quero a bênção delas para ser feliz.
Que uma guie os homens,
que outra guie a terra...
e a mais linda vele pelo meu país!

Se o olhar não fosse de Jesus

Martins de OLIVEIRA
(DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS)

Na pobre e humilde mangedoira,
brilha chispante e intensa luz.
Todo o recinto escuro fôra,
se o olhar não fosse de Jesus.

Anda no céu radiosa estrêla,
que vara as nuvens e transluz.
Certo, não fôra estranha e bela,
se o olhar não fosse de Jesus.

Adoram-nO três Reis, cobertos
de extenso manto, que reluz
Não correriam por desertos,
se o olhar não fosse de Jesus.

Os animais, também, alcançam
o instante eterno que os conduz,
e não viriam, como avançam,
se o olhar não fosse de Jesus.

Em puros sons e ideais arranjos
toda a harmonia se traduz.
Não se ouviria a côrte de anjos,
se o olhar não fosse de Jesus.

De São José o grave porte
no amparo a tudo se reduz.
Certo, não fôra o amparo forte,
se o olhar não fosse de Jesus.

Nossa Senhora está sorrindo
para o menino de ombros nús.
Nunca o sorrir fôra tão lindo,
se o olhar não fosse de Jesus.

Em brilhos vivos, amplo ornato
pela parede faz-se em cruz.
Não se veria o estranho fato,
se o olhar não fosse de Jesus.

Ao mundo inteiro a Paz invade
e ao Céu as almas reconduz.
Não se salvara a humanidade,
Se o olhar não fosse de Jesus!

Sôbre programas

Marieta LEITE

Recebemos um pedido, quasi uma intimação: publicarmos algo sôbre os programas em experiência, principalmente sôbre o de ciências naturais.

— Mar por que principalmente sôbre o deciências naturais? — perguntámos.

— E' muito dificil e extenso e...

— Não diga mais nada. O programa de ciências naturais é principalmente novo, inteiramente novo para nós. E' quasi uma surpresa. Pois estudemo-lo um pouco. O título e a apresentação feita pela Secretaria da Educação dão-nos êsse direito; dão-nos mais: o *dever* de estudá-lo.

De principio podemos dizer que êle traz, para as ciências naturais, uma grande e benfazeja revolução: desloca o estudo, do livro de texto — onde permanece ainda, a-pesar-de tudo — para o próprio objeto da matéria: a natureza. Tira-nos de vez a idéia de que fazer ciência é ler e guardar palavras.

Depois, obedece a principios cientificos — metodológicos. Com êle, em suas linhas gerais, concordariam Downning, Craig, o naturalista Fabre e Faria de Vasconcelos.

Dizemos científico, porque segue o processo da própria ciência. Esta parte dos fatos, das observações, chega a simples conclusões particulares, passa a relações entre fenômenos e daí aos principios e leis.

A exposição dêsses princípios scientíficos, por bem feita que fosse, e lida ou ouvida pela criança o maior número de vezes possível, não lhe traria a terça parte do conhecimento que lhe pode dar meia hora de observação do fenômeno original.

A propósito, transcrevemos um trecho de Rubió y Bellvé (1)

"... é absurdo pensar que, dedicando-se durante certo tempo, alguns intervalos *perdidos*, à leitura de um livro, por excelente que seja, chegue-se a entender uma ciência. Para estudar eletricidade, por exem plo, o que se tem a fazer em primeiro lugar é providenciar para se ter *à mão* a eletricidade; segundo, recursos para medi-la; terceiro, um livro que sirva de companheiro; quarto, um professor ou amigo inteligente que nos tire de dúvidas. Compre, pois, você, quatro elementos de uma pilha, por fraca que seja; um galvanômetro, ainda que do tipo mais barato; um livro elementar de eletricidade; procure um amigo ou um professor e então comece o estudo da ciência elétrica. Assim, poderá fazer pequenos ensaios, medições imperfeitas, combinar circuitos, estabelecer derivações, etc., etc., e, em resumo *familiarizar-se* com a eletricidade, tratá-la de *tu* a *tu* em vez de fazê-lo exclusivamente nas páginas de um livro onde, por volumoso que seja e ainda que escrito pelo mais sábio eletricista, como naquelas *páginas não há eletricidade*, o estudante não aprenderá nada a não ser perturbar sua cabeça com palavras vãs, fórmulas complexas e todo um

(1) — La arte de estudiar — Rubió y Bellvé.

acúmulo de observações e descrições indubitavelmente indigestas."

O autor não especifica a idade do "estudante". Em nosso caso — crianças de curso primário — o fato seria o mesmo, talvez peor. Lembremo-nos do pouco auxílio que à vida prática do homem prestam os conhecimentos científicos que escolas primárias e secundárias lhe veem dando.

E' que a ciência é assim: física, química ou biológica, em seus aspectos elementares ou nos mais profundos, ela só se mostra àqueles que lhe dedicam um pouco que seja do trabalho próprio e original de ver, sentir e pensar.

Com objetivos e valores diversos, o ensino da ciência natural é essencialmente o mesmo, quer em escolas superiores especializadas, quer em escolas primárias, quando exige o fenômeno antes do princípio, o particular antes do geral, o trabalho dos sentidos antes do trabalho do pensamento.

Neste ponto, chamamos de científico o novo programa em aprêço.

Ainda o chamamos de científico-metodológico por compreendê-lo dentro de certos princípios da mais moderna metodologia das ciências naturais.

São princípios que colocam as grandes concepções científicas como aquisições a serem feitas pelo indivíduo.

Essas concepções que, segundo Craig, uma vez adquiridas, influem poderosamente no pensamento, dão mais recursos de vida feliz, ativa, sadia, eficiente e benfazeja, essas concepções são como pontos colocados no alto e para os quais a escola vai pouco a pouco, de modo lento mas seguro, encaminhando a criança. São concepções que não se alcançam de um salto, nem mesmo em uma fácil e contínua ascendência. Compete à escola velar pela eficiência da caminhada, provendo para o raciocínio da criança etapas mais ou menos longas em que o trabalho avance seguramente e o raciocínio se fortifique e se amplie. São como que degraus para ela.

E' dentro dêsse princípio de sábia metodologia que o nosso programa estabelece grandes concepções científicas a serem dominadas pelas crianças, a cada ano do curso.

Vejamo-lo, para exemplo, no 1.º ano. Lá está o tópico: — "O animal e as plantas, como seres vivos adaptados às condições do meio em que vivem."

O princípio de adaptação ao meio ambiente é o grande princípio científico da vida terrena.

Plantas, animais, homem, tudo a êle se subordina. A própria natureza se encarrega de prover os seres vivos de meios para essa adaptação. Pois êsse principio, uma vez compreendido pelo homem, abre-lhe o entendimento para o grande concêrto universal, para a compreensão de grandes fenômenos naturais, livrando-o de interpretações fantasistas ou supersticiosas, libertando-o da rotina, tornando-o mais apto a viver vida inteligente, elevada e feliz. Pois êste princípio de adaptação, tão fecundo em bases para o raciocínio, é o principio que se aplica por toda parte, ao alcance de nossas vistas. Dirige os atos diários da nossa criança, a vida da mais humilde planta do jardim de nossa escola, a vida do mais familiar dos animais que o nosso trato possa alcançar. E assim, essa concepção científica que, saída dos lábios da professora ou tomada da letra de forma dos livros, é transcendental para a criança, está ao al-

cance de qualquer uma a que façamos olhar à volta de si.

Basta que a façamos olhar por etapas, cada cousa de sua vez e cada uma delas firmando conclusões simples, pensamentos faceis e accessíveis, facilmente verificáveis por ela própria, observados ou experimentados dentro da propria escola, mas sempre claros, precisos e firmes. Serão os degraus que, vencidos concientemente, conduzirão o aluno ao alto ponto do grande princípio científico.

Essas etapas não foram esquecidas pelo nosso programa que as estabeleceu para cada trimestre, de cada ano: Assim, no 1.º ano:

Fevereiro e março: — "*Levar a criança a observar como toda a vida se modifica para adaptar-se às modificações do tempo*".

Abril, maio e junho: "*Levar a criança a observar as mudanças que se operam no tempo e como tambem se modifica a vida dos animais e das plantas*".

Julho, agosto e setembro: "*Como os animais se defendem do frio*" e "*Observações da metamorfose dos ovos do sapo para familiazar a classe com animais de constituição e de hábitos diferentes*".

Outubro e Novembro: "*Conhecer a vida de um pássaro útil comum no lugar*" e "*observar a beleza dos jardins, campos, prados e montes. Guardar sementes para serem plantadas noutra ocasião*".

E está aí como o novo programa, seguindo orientação a um tempo científica e metodológica, organizou-se em grandes tópicos a serem alcançados pelo estudo e domínio de tópicos pequenos.

Pelo menos, é assim que o compreendemos. Não temos certeza de estar em perfeito acôrdo com o ponto de vista de seu autor ou autores.

Mas então — podem perguntar-nos — está otimo o programa de ciências naturais?

Não afirmamos tanto. Por hoje apenas discutimos os princípios que o orientam. Discutiremos, depois, o próprio programa. Enquanto isto, a experiência real, feita em nossas escolas, com as *nossas* classes, o *nosso* horário, as *nossas* crianças há de trazer novos argumentos à discussão e novos aspectos ao estudo.

E' o que esperamos ter para o próximo artigo.

PAUTAÇÃO - ENCADERNAÇÃO - DOURAÇÃO - LINOTIPIA
LIVROS EM BRANCO, OBJETOS DE ESCRITÓRIO E DESENHO-CONFECÇÃO ESMERADA DE LIVROS SOB MODELO.

PAPELARIA e TIPOGRAFIA BRASIL

VELOSO & CIA. LTDA.

FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA E METAL

FILIAL: RUA CARIJÓS, 418-FONE, 2-7976 - RUA DA BAÍA, 932
CX. POSTAL, 40-TELS. 2-3217, 2-2440-END. TELEG. VELOCON
OF. R. GUAJAJARAS, 1540 - TEL. 2-2507 - B. HORIZONTE

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Dr. Hilton Rocha
Livre-Docente de Clin. Oftalmológica das Facs. de Medicina das Univs. do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas
Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 — EDIFICIO CINE BRASIL
SALAS 608 A 614 — TELEFONE, 2-3171

DR. LUCAS M. MACHADO

Ginecologia-Obstetrica

RUA SÃO PAULO, 692 — TELEF. 2-1697

DR. SILVINO PACHECO

MÉDICO

DOENÇAS DAS SENHORAS - OPERAÇÕES

AFONSO PENA, 952
3,o andar

SALAS 326 a 330
Fone 2-5682

LABORATORIO VERITAS

Química e Microscopia Clinica

Drs. ALMEIDA CUNHA e E. DE SOUZA E SILVA
PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

* *

Rua Rio de Janeiro, 634 — Junto á Praça 7 — Tel. 2-3333
Caixa Postal, 199 — Belo Horizonte

Concede abatimento especial ás associadas da Ass. dos Prof. Primários de Minas Gerais

A História Pátria precisa ser bem estudada

Imene GUIMARÃES

Contar histórias é uma arte.

E' preciso saber prender a atenção dos ouvintes pela entonação da voz, pela expressão fisionômica, pela linguagem simples e correta, pelo gesto discreto e apropriado.

E isto só se consegue conhecendo muito bem a história que vai ser contada.

Antes de contar uma história, deve a professora estudá-la minuciosamente, para tirar dela todos os valores.

Se as histórias precisam ser conhecidas antes de contadas, que diremos da História Pátria?

Um fato histórico em si, quasi nada tem de interessante para as crianças. Entretanto, há professoras que sabem levá-las a um verdadeiro entusiasmo pelas cousas da nossa gente.

Não basta ensinar História do Brasil, é preciso educar através da história. Para que a professora possa aproveitar todos os valores educativos da história — e êles são inúmeros — é necessario primeiramente conhecê-la muito bem.

Aliás não só as professoras, mas todos os brasileiros deveriam conhecer melhor nosso glorioso passado, para compreender o presente e confiar no futuro do Brasil.

Não basta conhecer um fato isolado. Na história uns fatos são consequências e causas de outros. Vejamos a diferença entre ensinar história e educar através dela. Para isto tomemos um exemplo: a Inconfidência Mineira. Se a professora explicar ligeiramente êste fato histórico, fizer um ponto e der às crianças para decorar, elas adquirirão conhecimentos relativos a êle: local, nomes dos Conjurados, datas, etc..

Com o tempo tudo será esquecido, exceto talvez o nome de Tiradentes, repetido várias vezes em cada 21 de abril.

E a Inconfidência Mineira passará a ser considerada pela criança como uma revolta fracassada, chefiada por um alferes, arrancador de dentes.

E mais tarde, no curso secundario, com o pedantismo próprio da idade, alguma poderá dizer, como ouví certa vez: "Tiradentes foi um simples perturbador da ordem pública."

O fato histórico — Inconfidência Mineira — foi ensinado às crianças, porém não foi aproveitado em todos os seus valores.

Entretanto, a Inconfidência e a figura de Tiradentes seriam encaradas de modo muito diferente se a professora estudasse primeiramente, com as crianças, a situação do Brasil colonial, o imposto do quinto do ouro, as dificuldades em que viviam os brasileiros, seu desejo ardente de liberdade. Se tudo isto fosse compreendido pela criança, a Inconfidência Mineira surgiria como uma reação natural dos brasileiros daquela época.

E cada inconfidente passaria a ser considerado um herói.

Neste ponto a professora destacaria a figura de Tiradentes, salientando seu papel de chefe sem ambições pessoais, tudo sacrificando pelo ideal — a Pátria livre.

A serenidade de Tirantes diante da morte, desculpando o próprio carrasco que o ia enforcar, assumindo a responsabilidade de tudo, procurando desculpar os companheiros são pontos de grande importância para a professora aproveitar.

São estas as melhores lições que podemos dar à criança para sua educação cívica, moral e social: colaboração para atingir um fim desejado, sentido da responsabilidade, cumprimento do dever, antes a morte que a traição.

Nem um brasileiro inconfidente foi capaz de trair seus companheiros. E' outro ponto de grande apôio para a professora.

Hoje que se fala tanto em socialização das escolas, é preciso não esquecer que a história do Brasil é uma fonte preciosa de magnificas lições.

Assim como a Inconfidência Mineira, muitos outros fatos da nossa história favorecem o desenvolvimento de virtudes cívicas e sociais.

E' preciso sómente que a professora tenha a preocupação não de acumular fatos, e sim de formar homens patriotas, de caráter firme, capazes de dar ao mundo o exemplo de um Tiradentes e de outros tantos brasileiros que viveram pela Pátria e por ela morreram.

COLEÇÃO 1940

Já está à venda a coleção composta de 8 números de EDUCANDO saídos durante o ano de 1940. Uma coleção de nossa revista constitue preciosa publicação para os professores, dada a variedade e excelência de seus diversos artigos, gravuras e orientações práticas.

Em suas diversas seções o professor encontrá material para comemorações de datas cívicas, organização de auditórios e atividades extra-escolares.

São os seguintes os preços estipulados:

Coleção — números separados — 24$000. Pelo correio — 25$000
Coleção — encadernada em percaline — 30$00
Números avulsos de 1940 — 3$000

Pedidos para esta redação

A BIBLIOTECA DAS CRIANÇAS

Henri PRADEL
Diretor de "L'Ecole Massilon"

Traduzido da Revista "Education" - n. 37, de 1938

Pois que me fazem a honra de pedir alguns conselhos para os pais, eu desejaria recomendar-lhes que deem aos filhos o gôsto dos livros e a melhor maneira de utilizá-los para si e para os outros... E' preciso que as duras necessidades do momento presente, o gôsto dos esportes, das viagens, as facilidades de nos inteirarmos superficialmente de tudo pelo rádio, pelo cinema e pelo jornal, não façam perder às jovens gerações o precioso enriquecimento dos livros. E, por outro lado, as muito legítimas apreensões do mal que pode fazer uma literatura escandalosamente *"impudente"* não devem impedir os educadores de abrirem às crianças o inapreciável tesouro da literatura.

O primeiro conselho que eu daria aos pais seria o de *preparar para cada criança uma bibliotéca própria.* Oh! não uma grande bibliotéca impressionante e triste, que cubra todas as paredes e onde grandes livros são cerimoniosamente ordenados, voltados para o muro como crianças de castigo, não saindo jamais ou inspirando o tédio e impondo respeito, e merecendo a malícia de Voltaire:

"Sacrés sont-ils, car personne n'y touche!"

Êste gênero de biblioteca não é útil a ninguem, mas estaria particularmente deslocada num quarto de criança.

A biblioteca de meus sonhos para os jovens não seria também uma vitrina cômoda para exposição de "bibelots", de brinquedos mais ou menos espirituais, ou peças de louça muito preciosas e muito frágeis para ficarem no armário comum.

Ela não seria, também, a biblioteca da criança, pretexto para exibição de encadernações de luxo, como se nenhuma importância tivesse o conteúdo. Sentir-me-ia muito mal compreendido se os pais corressem a uma livraria e comprassem prateleiras inteiras de livros para formarem uma biblioteca para seus filhos.

Eis como eu a sonho, a pequena biblioteca da infância e da adolescência.

Eu sonharia, primeiro, que as crianças a confeccionassem, elas mesmas, com uma serra. Abandona-se muito hoje êsse pequeno instrumento divertido que encantou nossa infância e nos permite fazer, divertindo-nos, objetos encantadores. Em vez de máquinas complicadas, demos às crianças, como presente, uma dessas pequenas serras elegantes que excitarão a destreza de suas mãos. Far-se-ão com elas deliciosas estantes, prateleira por prateleira, pois é importante que nossa biblioteca cresça conosco, inteligentemente.

Se a própria criança não póde construí-la com a serrinha, há, ho-

je móveis desmontáveis, que são completos e elegantes com uma só prateleira e que podem crescer indefinidamente. Não façamos a aquisição de uma grande estante solene e anônima. Ajudemos pequenos e grandes a creá-la à medida que tenham de receber nela os amigos: os livros.

Meu segundo conselho seria o de *ajudar a criança a constituir sua pequena biblioteca*. Não é preciso decidir por ela, mas orientar sua escolha que ela escolha o que tinhamos sonhado para ela.

Uma biblioteca, para ser bem nossa, deve se completar pouco a pouco, livro após livro. Escolhe-se um livro como se escolhe um amigo. E' muito grave, na aurora da vida, abandonar-se a um camarada. Um livro, porém, é um camarada ainda mais influente, porque é discreto, insinuante, sempre ao nosso alcance; pode-se abandoná-lo, afastá-lo e depois, sem humilhação, retomá-lo.

Ora, há livros que perturbam e diminuem; a juventude deve ser orientada para se furtar aos corruptores, aos desmoralizantes que abrem veias à torrente devastadora. Roger Bontemps diz justamente:

"Trop de gros livres son des loups pour les petits chaperons comme vous".

Há livros que são amigos sem cérebros, sem coração, sem energia: importunos, insípidos, faladores, inúteis. Que os jovens se habituem a não perderem tempo e energia com seu contacto. Um de nossos professores admirou-nos um dia com um conselho dado em um tom dramático:

"Senhores, eu vos suplico, não leiais os bons livros!" E depois de saborear o prazer do escândalo provocado, acabou o seu pensamento: "Não leais senão os excelentes: a vida é muito curta".

A criança é capaz de apreciar o valor de não acolher em sua biblioteca senão os amigos que o mereçam: "Montrez-moi patte blanche, ou vous n'entrerez pas", e depois: "Dizei-me se, incapaz de aniquilar uma alma, sois, ao contrário capaz de despertar a minha, de multiplicar maravilhosamente minhas forças para a vida." A criança deve organizar, pouco a pouco, em sua biblioteca, uma reserva de amigos seguros, um pequeno número de excelentes trabalhos que serão *captalizadores* para suas energias, que povoarão as horas de solidão e encherão de sol as horas cinzentas e tristes.

A experiência afetuosa dos pais e dos mestres deve, sem se cansar, fazer esta educação, esta seleção, melhor ainda, esta eleição.

Insistirei apenas sôbre alguns pontos.

Primeiro, aconselhamos às crianças que conservem seus livros de classe. Exteriormente, êles nem sempre são atraentes, o que é pena! Interiormente, êles representam para a criança, algumas horas penosas, lições rebarbativas e entediantes. Mais tarde, no entanto, um encanto verdadeiros os aureolará para elas; elas os amarão; talvez os abram com lágrimas de emoção! E' toda a primavera de sua infância que lhes abre seus jardins... de onde os espinhos desapareceram.

Quando vejo alunos deixarem que se lhes levem os livros, após o último ano de colégio, ou que se apressam a vendê-los, penso: "Eis que se privam, inconcientemente, de preciosas reliquias!"

Em segundo lugar, evitar, caros

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

Pais, colocar na biblioteca de vossos filhos livros àcima de sua idade. E' preciso não anteceder à natureza.

"O tempo não preserva o que se faz sem êle".

Não procuremos colher o fruto ainda não maduro, nem mesmo para comê-lo mais tarde; êle não amadurecerá e não ganharia nenhum sabor de estar guardado. Que os pais ou os amigos não pensem estar prestando bom serviço aos pequenos oferecendo-lhes livros "para mais tarde". O melhor presente é o adaptado ao momento presente de quem o recebe. Que prazer pode levar uma bicicleta a uma criança cujas pernas não podem alcançar os pedais? As crianças teem um seu pequeno mundo; vivem em um jardim fechado. Não sonhemos fazê-las destruir as etapas. Que elas coloquem em suas bibliotécas livros que sejam assimiláveis pela sua idade. Mas notemos bem que "livros ao seu alcance" não significa "infantilidades", "literatura tatibitate" insignificante, puerilmente desoladora; não: há obras de arte para todas as idades. E há um clima de leitura favorável e fecunda para cada estação da vida. Um médico dizia sorrindo: "Empregai depressa êste remédio antes que êle sare!" E' muito mais certo que haverá sempre uma hora psicológica em que tal livro servirá à criança. Se, cada ano ou de 2 ou 3 anos elas guarnecem com alguns livros, ao seu molde, uma pequena prateleira de sua biblioteca, elas traçarão assim como que uma fotografia de seu desenvolvimento intelectual, um gráfico das aquisições sucessivas de sua personalidade. Não se avalia bem como é apaixonante ver assim traçado sôbre sua biblioteca todo o lento e belo caminhar de sua infância para a adolescência e desta para a maturidade.

Em terceiro lugar, na escolha dos livros, nossos jovens deverão ser encaminhados a escolher leituras que os completem. Isto significa duas coisas bem diferentes: abastecer-se do que lhe falta e aperfeiçoar-se no que possue. Há crianças que não admitem senão livros científicos; outras não se interessam senão pelas aventuras; outras se apaixonam pelas obras sentimentais. E' necessário, pois, que, primeiro sob nossos conselhos, e depois por si mesmas elas retirem essas vendas, e que apreciem abrir as janelas um pouco sôbre tudo. A criança está talvez colocada numa estrada que não é a sua, porque não esteve em contacto com outras vocações interessantes; quantos adolescentes não deveram sua verdadeira vocação a uma leitura! Variemos, então, o regime intelectual, como para o temperamento físico restringe-se a carne aos sanguíneos e se aumenta a ração aos linfáticos.

Mas escolher leitura que nos completem quer dizer que por elas nos aperfeiçoamos em nossa especialidade: alargamo-nos e aprofundamo-nos; tornamo-nos em um mestre muito competente, em técnico, em especialista. Nossos jovens devem almejar a realização da divisa que figurava sôbre a porta de um sapateiro de interior:

"Martin, bottier, tient tout ce qui concerne sa partie".

Terceiro conselho: Os pais guiarão os filhos no espírito e amor aos livros. Eu desejaria que êles lhes fossem, as mais das vezes, oferecidos como presente de caros aniversários; seriam mais queridos. E' desejável mesmo que a pessoa que oferece nê-

le escreva uma dedicatória, uma data, um conselho, uma prova de afeição; tudo o que faz ressaltar o carater pessoal do livro aumenta sua capacidade educativa.

Que êles os guardem bem. Se queremos fazê-los encapar, escolhamos côres alegres como a juventude: Oh! as horríveis capas escuras e tristes onde se aprisionam muitas vezes os sonhos dos escritores! O ideal seria que as próprias crianças os encapassem. E' uma ocupação interessante para as horas de lazer, a arte de encadernar: as mãos e o gôsto se apuram extraordinariamente; estou certo que as crianças encontrarão poucas ocupações tão cativantes quanto formadoras.

E' facil amar os livros: êles teem uma alma; êles teem mesmo muitas almas: a do autor que, se é digno de sua bela vocação lhes transmitiu a sua; a da pessoa que escolheu o volume para nos oferecer; a de nossa idade que se terá respeitado em vez de nos envelhecer, pretendendo fazer-nos avançar; e, enfim, se a criança encaderna o volume, um pouco da alma do pequeno encadernador passará ainda para o lindo corpo do livro.

Que a criança deixe, mesmo, materialmente, qualquer cousa de si em seus livdos: sua assinatura, uma data querida; o ideal seria que ela compusesse para si um "*ex-libris*" isto é, escudos expressivos, simbólicos, com divisa. Já se teem feito exposições dêsses *ex-libris* de outrora: havia maravilhas de bom gôsto, de finura, de emoção. Eis uma curta e feliz: "*Libro liber*, o livro me liberta"; a leitura me livra do tédio, da solidão da mediocridade, da ignorância, do vício, talvez.

Em quarto lugar, os pais ensinarão às crianças a arte tão difícil de ler.

"*Le sort des hommes est ceci:*
Beaucoup d'appelés, peu d'elus!
Le sort des livres le voici:
Beaucoup d'epelés, peu de lus!

Isto demandaria um desenvolvimento que eu não quero senão esboçar .

Não se deve ler muito depressa para se conhecer o enrêdo. Dá-se com o alimento intelectual o mesmo que com o do corpo; se se come gulosamente, sem mastigar e sem salivar, corre-se o risco de se ter uma indigestão, um peso no estômago; não se assimila. Não se lê "du bout des doigts", "en diagonale". E' necessario tomar-se tempo para refletir, de retomar uma ou outra passagem, de deixar que se infiltrem em nós as belas cousas. Um livro que não merece ser lido lentamente, pausadamente, não merece ser lido de todo.

Deve-se mesmo acostumar-se a tomar algumas notas a respeito de suas leituras; não muitas mas algumas belas idéias, algumas expressões felizes que se registrarão em um caderno: é mais prático do que o sistema de fichas, impossível de se transportarem e fáceis de se perderem. A criança organizará "dossiiers" extremamente preciosos e doces para consulta. Que ela resuma com uma palavra a nota tomada, que a coloque ao fim do caderno, em uma tábua analítica; assim ficarão reunidas as vantagens da ficha e do "caderno". Ensinemos-lhe que a propria palavra latina "*legere*" significa "ler e recolher".

Enfim, e êste será meu último conselho, *é necessário exercitar a*

criança, desde cedo, a servir os outros por suas leituras.

Diz-se que a criança é egoista; ela assim se torna porque se lhe dá o habito de se fazer o centro de convergência de tudo, quando se devia fazer dela um centro de irradiação. Acaba por achar agradável e divertido que tudo seja para ela, mas ela é antes feita para se dar. Cuidemos principalmente do lado social ou anti-social da leitura e das leituras. Isto comporta muitas etapas.

Primeiro, ninguém tem o direito de prejudicar o próximo por suas leituras. Afastemos mesmo a hipótese de se aconselhar ou emprestar maus livros. Mas far-se-à mal a outrem se se der o exemplo que iria até o escândalo, de ler em público jornais, revistas, livros perversos ou muito audaciosos; far-se-à ainda se o comprarmos, mesmo para ler em particular, porque fatalmente o deixaremos levar e alguem, depois de nós, se contaminará ao seu contacto; ademais, estariamos encorajando, acalentando, favorecendo,, financiando a má leitura.

Seria ainda fazer mal ao próximo comprometer, diminuir e talvez perder nossa capacidade para o bem, para a fortaleza, para a influência, baixando nosso valor moral por imprudentes leituras. Não se ensina senão o que se é; não se dá senão o que se tem; não se difunde senão a luz e o calor que se armazenou. A ação social, a irradiação da influência, é a aplicação, no mundo moral da teoria dos vasos comunicantes. Se nosso nível moral é baixado por leituras perniciosas, o próximo que devia, de ordem providencial, aproveitar de nosso valor, experimentará um prejuizo certo. Como êste pensamento, bem compreendido pela juventude generosa, torná-la-ia forte para resistir às faltas secretas e, para ficarmos inteiramente em nosso assunto, às leituras que só se fazem às escondidas!

Mas é necessario propor aos nossos jovens alguma cousa de mais positivo ainda e de mais belo: transformar a questão das leituras em verdadeiro serviço social, em fecundo apostolado. Porque, diz-se, ao lado de nossos jovens cristão, entre o povo, entre os seus camaradas, tanto de inépcia, de imundicies, de horrores? Porque muitas vezes não se conhecem outros trabalhos ou porque se supõe tediosa a outra literatura. Levemos nossos jovens a conhecê-la e a torná-la conhecida dos outros; que êles tornem conhecidos os livros entusiasmantes; que façam deles um reclame hábil: não se contentando apenas em dizer, segundo o costume: "E' maravilhoso, é formidavel!" Mas que exprimam um julgamento refletido, psicologicamente bem apresentado, bem motivado.

Que emprestem os livros, oportunamente, quando julguem o terreno e o tempo propício à semeadura. "Muitos emprestados, poucos devolvidos". Que importa, no entanto, se, por êsse volume transviado o bem "caminhe nas almas em sulcos luminosos!" Pensemos na observação tão justa de Pére Sertillanges: — "Muito homem honesto, que se envergonharia de não pagar as suas dívidas não pensa absolutamente que êle deve ao seu próximo a partilha de seus bens espirituais, o conselho, o exemplo que arrasta, a prece, o amor."

E, em conclusão prática dêste conselho, seja-me permitido indicar aos pais uma pequena obra que acabámos de fundar entre os educadores: *O auxílio mútuo pela leitura*. Com ela poderemos fazer um gran-

de bem, com pouco dispêndio. Convidamos os jovens e seus pais, ao invés de atirarem fóra revistas e jornais, a pedir-nos o enderêço de um doente, grande ou pequeno. Obtivemos, graças à promessa de não se fazer política nem proselitismo religioso inconsiderado, a colaboração de médicos e enfermeiros e podemos dizer onde tal ou qual periódico é desejado e será bem recebido. Temos milhares de pedidos. Todo periódico são e moral pode ser proposto ao Secretariado. Mas é preciso que a própria pessoa envie a revista ao endereço que indicaremos e regularmente. Pedí, para seus filhos, a inscrição no "Fazei pessoas felizes". Pode-se julgar quanto esta fácil organização pode fazer socialmente bem.

"Quanto bem não se faria com o que se perde!" diz um verso mais rico em espírito cristão do que em harmonia. (1)

Um escritor inglês diz que há quatro categorias de leitores, que êle simboliza, cada um, por um objeto material e expressivo: a esponja, a ampulheta, o filtro e o diamante. Há leitores que são esponjas: guardam principalmente as impurezas do que tocaram. Há leitores que são ampulhetas: a areia passa de um lado a outro; êles nada retém. Há leitores que são como filtros que, por decantação, conservam o que é bom e utilizável. Há leitores que são como diamantes que, ao contacto de uma fonte luminosa se enchem de luz e a comunicam aos outros.

Que nossos jovens não sejam nem esponjas que se ingurgitam de vilanias, nem ampulhetas que não tiram nenhum proveito de suas leituras, nem filtros que deles só ganham vantagem pessoal. Mas que sejam diamantes que se iluminam para irradiar, *lucena ardens et lucens*, um centro de luz e de calor para si mesmos e para o mundo que os rodeia e que tem tanta necessidade de ser atraído para o bem, o verdadeiro e o belo!

(1) Traduzimos também esta parte, por se tratar de uma organização interessante, capaz de sugerir outras atividades.

AVISO

Com êste número está terminada a assinatura de todos aqueles que receberam desde o número 1 de nossa revista. Esperamos que a renovem antes da saída da próxima edição para que assim não deixem de receber "EDUCANDO".

A vida das Aranhas

Excerto do: "A vida maravilhosa dos Animais", de C. de Mello Leitão, Prof. de Zoologia do Museu Nacional

Constituem as aranhas tanto por seu número, como pela variedade de suas formas e diversidade quasi infinita de seus costumes, a ordem mais importante dos Aracnídios, e nenhuma outra ordem de animais a sobrepuja ou siquer a iguala no interêsse que oferece, já não digo aos zoólogos, mas a todos aqueles que amam a natureza, seja qual for o seu ponto de vista.

"On ne parle bien que de ce qu'on aime". E' com êste lindo prolóquio que Lucien Berland começa seu livro tão profundo e interessante sobre os Aracnídios e são essas naturalmente as primeiras palavras do presente capítulo. Estudando-os (e especialmente as aranhas) há quase vinte anos, tem sido para mim esse contacto longo e diuturno com as descendentes de Aracne sempre renovado prazer, sem as desilusões e desencantos qu não raro acompanham os demorados convívios. E' que me sinto ainda no limiar do reino encantado dessas maravilhosas tecelãs, cujo labor, operosidade e engenho são dignos da mais justa admiração.

Em seu mundo fechado e aparentemente silencioso e reservado, como os sensatos e discretos, não atraíram o entusiasmo fácil e pouco seguro das massas, mas a todos que as olharam com simpatia revelaram incomparável riqueza de material a estudar e nestes dois últimos lustros teem sido assunto e inspiração de grande número de excelentes trabalhos.

Só elas constroem lar permanente, só elas empregam utensílios de caça, só elas, antes do homem, conheceram a aerostação.

Nascidas em berço de seda, de seda fina e delicada, que encheria de inveja as elegantes mais exigentes, vivem as aranhas como nababos, em casas forradas de seda. De seda é seu tálamo conjugal e de seda são quase todos os seus utensílios: travejamento dos lares, dobradiças das portas, redes de pescaria, armadilhas e lanços. De extrema variedade de formas, tal não encontramos em nenhuma outra ordem de qualquer classe, apresentam igualmente modos de viver os mais diferentes. Sedentárias ou errantes, solitárias ou sociais, dão sempre provas de inteligência e, na mais perfeita igualdade, nunca se vêem perturbadas na propria iniciativa individual.

Se umas, por seu todo pesado e sombrio colorido teem, para o vulgo, aspécto antipático e provocam medo injustificado, outras, graciosas e leves, vestidas de escamas irisadas, ouro, prata e pedrarias, rivalizam, pela beleza, com os mais lindos insetos, os mais ricos colibrís. Há algumas gigantescas, de quasi 10 centímetros de corpo e mais de vinte com as patas estendidas; outras, quase

microscópicas. medem-se por fração de milímetro. Muitas constróem teias e, como são as mais comuns, a noção de teia se prendeu estreitamente à de aranha, tendo os gregos para uma e outra o mesmo termo — aracne.

Mas são em número maior as adeptas da chasse-á-courre.

Sua enorme diversidade de aspectos pode ser reduzida a um esquema geral relativamente simples: todas teem o corpo constituido por duas regiões bem distantes, apenas unidas por delicado pedículo; sob o cefalotorax há sempre uma lâmina quitinosa, bem desenvolvida, que forma o esterno e, na porção ventral do abdomen sempre se encontra as fiandeiras, cujos pelos canaliculados e especializados servem à saida da seda.

Na porção dorsal e anterior de cefalotorax as queliceras, de eixo vertical (exceto nas caranguejeiras) e formadas de dois segmentos, dos quais o apical apresenta a forma de acerada garra, perfurada na ponta e percorrida pelo canal excretor da glândula do veneno; o segmento basal apresenta uma goteira onde se aloja a garra, quando em repouso, e cujas bordas são armadas de modo muito homêneo em cada família ou, pelo menos, em cada gênero.

Na face vertical, atraz das queliceras de eixo vertical estão a peça labial e o esterno. Dos lados da peça labial vêem-se os palpos e do esternos as patas, em numero de 4 pares. O abdomem, normalmente de forma alongada, apresenta em sua face inferior, atrás, três pares de fiandeiras (mais raramente dois).

A forma geral do corpo das aranhas, que apresentam as mais bizarras e surpreendentes variações, foi resumida por Berland em sete tipos de acôrdo principalmente, com o aspecto do abdomen: alongado ou baciliforme, cônico, transverso, globuloso, comprimido, geométrico e eriçado.

Encontradas desde as regiões equatoriais, onde são particularmente abundantes em espécies, até a vizinhança dos polos, no limite dos gelos eternos, apresentam os mais diversos modos de existência. Umas são sedentárias, aparentemente indolentes, passando a maior parte do tempo na teia ou em suas imediações; outras, ao contrário, constantes caminheiras, percorrem campos e florestas em procura das presas. Umas, onde a intempérie ou a fadiga as surpreende, aí buscam temporário abrigo sob uma pedra, um tronco caído, uma folha sêca, ou na confractuosidade de qualquer rocha ou velho muro; outras, mais cautas ou precavidas, fazem seu lar, cavando-o na terra ou nas velhas cascas, ou tecem de seda em recanto sombrios, em folhas e nos ramos.

Vamos passar em rápida revista êsses tipos de casas, e não ninhos, pois servem de residência permanente e habitual da aranha, desde muito cedo, não sendo, como o ninho das aves, apenas construido para os cuidados com a próle, aproximando-se mais do abrigo de certas vespas solitárias.

Cavam umas na terra a toca de residência, encontrando-se atí tôda uma escala de aperfeiçamento, desde o simples aproveitamento das tocas de outros animais ou de pequenas cavidades naturais até a construção de habitação com duas ou três câmaras e portas internas.

Quase todas as Licosas (aranhas caçadoras, a que atribuem os italianos a Iarantela) cavam tubo circu-

lar, cujo diâmetro excede o do corpo, e, às vezes, muito profundo.

O trabalho é feito, geralmente à noite, transportando a aranha para longe as pelotas de barro ou de areia, que vai retirando. O fundo, onde repousa, é forrado de seda mais densa e as paredes de seda frouxa, mas bastante resistente, para evitar-lhes o desabamento. O orifício de entrada ora fica ao rez do chão, ora é elevado em torre, feita de seda muito espêssa, sustentada com argamassa de terra, com ramúsculos e fôlhas de plantas herbáceas ou mesmo por uma rêde de ramos sêcos, que ela entreteceu. Certas espécies dos paises de inverno rigoroso, fecham a entrada da casa com espêsso reposteiro de seda durante dodo o período frio, e ficam hibernando. Outras tecem cortina tôdas as vezes que se encerram em casa, protegendo-se das vespas inimigas.

As pequenas caranguejeiras cavam na terra um tubo, todo forrado de seda, e a abertura é fechada por opérculo, preso por pequena dobradiça. A porção interna dessa porta é sempre lisa e sedosa, imitando a externa, e do modo mais perfeito, o terreno em que foi construido o ninho, de jeito a passar de todo despercebido. Essa porta ora é circular e do mesmo diâmetro do corredor de acesso, ora é um pouco maior e de forma irregular, encontrando-se êste último tipo também na casa de certas licosas. Se o acaso faz a aranha encontrar qualquer objeto de forma adequada, aproveita-o muito bem, tendo Hewitt observado na Africa do Sul um opérculo feito com botão de osso e Pocock, na Austrália, outro feito com uma moeda de seis pence. Em ambos os casos o objeto havia sido debruado de seda e fixo por uma dobradiça.

Há ninhos curvos, com duas aberturas, ramificados, com duas ou três câmaras internas, separadas do corredor de acesso por outras tantas portas, que se abrem de fora para dentro, ao contrário da porta principal.

No recanto dos muros, nos ângulos das paredes, como na face dorsal das folhas, junto à nervura mediana, ou sob as cascas em exfoliação das velhas arvores, fabricam as pega-moscas delicado saco de seda, geralmente fusiforme e com duas aberturas levemente afuniladas para fóra.

Aí se abrigam das intempéries, aí repousam de patas estendidas para diante e para trás, na direção do corpo, mas sempre alertas, prontas a escapar por qualquer das aberturas.

Alguns de nossos Olios (aranha de corpo chato e pernas laterigradas) tecem sob as fôlhas largas uma renda frouxa, espécie de veu que as protege ou rede que as sustém, e onde passam todo o tempo, só saindo forçadas pela fome.

As Anifaenas curvam uma fôlha, de modo que suas bordas se toquem longitudinalmente, colando-se com seda e está assim completo o lar suspenso, que um dia o vento arrancará transportando-o com a sua moradora. Os Ieridios caçadores não se dão ao trabalho de dobrar uma fôlha inteira, bastando-lhes a ponta, que é levemente curvada para a face dorsal e cosida com três ou quatro fios mais fortes, formando-se dêste modo simples esconderijo cônico e largamente aberto.

Os Thomisidas, aranhas habitualmente encontradas nas flôres, fazem também seu abrigo na ponta das folhas, curvas, em cartuchos e cosidas com seda muito forte, fabricando, além disso, um orifício de entra-

da, afunilado e todo de seda, completando assim ninho resistente e macio.

A teia não é a casa; todas as aranham que fabricam teia fazem, perto dela, um refúgio de forma variável que lhes serve de domicílio. E' quase sempre simples saco cilíndrico de seda, de bordas levemente reviradas, em comunicação com uma das traves da teia mas dela nitidamente separada em todas as aranhas de teia regular. Já tivemos oportunidade de referirmos ao abrigo comum da aranha social do Brasil Meridional, Argentina e Paraguai.

Outras vezes a casa é dependência da teia, a um tempo lar e ninho de incubação.

Esta mesma variedade de domicílio concorda com a variedade de hábitos e de alimentação. Esta é quasi sempre constituida por insetos, mas todos os outros atrópodes terrestres e as plenárias fazem parte também de seu canibalismo, e sabem todos os coletores que se não podem reunir num mesmo local aranhas vivas.

Discutiu-se durante muito tempo se as aranhas iam até à caça de vertebrados, tendo-se por alta fantasia a figura de Brehm, da Aviculária a devorar um passaro.

Já êste devorar é aqui simples força de expressão, porque as aranhas não devoram. Possuem suas glândulas bucais poderosíssimos fermentos digestivos, que lançados sobre o alimento, sustentado entre as queliceras, faz sua digestão externa, aspirando ela depois esse creme já digerido.

Foi por isso que muitos negaram a possibilidade de caça de vertebrados pelas aranhas, mas observadores digons de todo acatamento dizem ter encontrado grandes caranguejeiras comendo pintos; um Olios da Africa parece alimentar-se, embora acidentalmente de pequenos agartos e é já relativamente grande o número de Pisauridas qu vivem de peixes, por êles pescados com suas longas patas dianteiras, flexuosas e rápidas.

Em uma série de pequenos artigos Gudger, do Museu Americano de História Natural, dá conta de muitas observações próprias ou colhidas na literatura sôbre aranhas que caçam vertebrados. Vital Brasil e Vellard viram que nossas grande caranguejeiras atacam e comem rãs, lagartos e cobras. Já Plínio conta como a aranha se atira de sua teia sobre a cobra, perfurandolhe o cerebro. "Tal o choque" diz êle, "que a creatura assobia de vez em quando e, tomada de vertigem, contorce-se, incapaz de fugir ou de quebrar a teia, só terminando com sua morte. "Esta velha nota de Plínio é confirmada por uma recentíssima observação de Anderson.

Relativamente à caça de aves, antes de Bate, fala de uma aranha de longas pernas, cuja teia "é bastante forte para prender e paralisar pequenos pássaros que constituem suas presas habituais", e Pocock escreve ter sido apanhada uma caranguejeira de Bornéo em ninho de pássaros, onde matara um filhote.

O ataque a mamiferos é mais raro, mas Pocock capturou em Madras uma grande caranguejeira "devorando um ratinho que provavelmente matara."

Eméritas caçadoras dos mais variados animais, modificaram quase ao infinito sua arte venatória ora dominando a vítima na velocidade da carreira, numa "chasse à courre" emocionante, ora surpreendendo-a na espreita ou estendendo-lhe traiçoeiras armadilhas. Umas, atrevidas e robustas, vestidas de brilhante roupagem, agridem com desassombro;

outras, tendo de lutar com animais mais fortes ou mais velozes, vestem-se de côres neutras ou tomam o colorido do meio ambiente, que as deixa despercebidas .

Como seu engenho mais frequente empregam as aranhas a teia ao mesmo tempo rede de repouso, de forma variável. Mas não é só com ela que caçam as aranhas sedentarias, se bem que em certos casos, ao contrario se tenha essa teia de tal maneira especializado que é simples instrumento de captura.

As Mastophoras, aranhas que se encontram em tôdas as regiões tropicais do hemisfério sul, tecem teia irregular, onde ficam suspensas, preparando fio de cêrca de 2 centímetros, em cuja ponta há uma pelota viscosa. Esse fio é mantido entre as patas e atirado rápidamente sobre a presa, num gesto que foi comparado ao atirar das bolas do gaúcho.

Se o aranhol é assim viscoso, poque a aranha não é vítima da própria armadilha? Muito simplesmente porque a teia é glutinosa apenas em uma das faces e a aranha ocupa sempre a face oposta, donde, apenas caída a presa na teia, lança camadas sucessivas de seda, tolhendo-lhe os movimentos, até que possa inocular-lhe a ativíssima peçonha de suas queliceras. E como se protege a aranha de seus múltiplos inimigos? Como se ocultam as que vemos imóveis no centro da teia horas e horas?

O mimetismo, a imobilidade, a queda brusca, a aerostação, eis os principais modos pelo qual escapam. Na propria teia bordam desenho mais ou menos irregular (mas sempre o mesmo para cada espécie).

Buscam muitas na roupagem meios de passar despercebidas, pardas as que caminham pelo solo, ou que buscam os troncos, verdes entre as fôlhas, de colorido brilhante as florícolas; ou êsse mimetismo vai até a forma e desenho do abdomem ou de todo o corpo, algumas lembrando colópteros, outras imitando do modo o mais perfeito as formigas ou mutilas. Tive ocasião de apanhar em caminho de formigas uma dessas mirmaracnes: seu movimento, em vez de ser aos saltos, como os outros salticidas, era em pequenas corridas obliquas, como as formigas entre as quais se movia e das quais imitava a forma e o colorido e, ainda mais alimentando a ilusão agitava constantemente as patas dianteiras como antenas, servindo-se apenas dos três pares posteriores para a marcha, e as queliceras, quase horizotais eram como as mandíbulas dos soldados.

Quando as aranhas pressentem o perigo ou ficam imóveis em atitude impropriamente comparada à catalepsia, ou se deixam cair ao solo, fugindo rapidamente. Muito mais curioso, porém, é o modo de fuga pela aerostação, que já foi observado em bom número de aranhas dendricolas. Segregam elas, com rapidez verdadeiramente espantosa, grande porção de seda, que em movimento quase convulsivo das patas posteriores tecem um pequeno aerostato que o vento leva, e com êle a aranha, escapando assim de pronto. Quantas vezes, com a mão já quase a agarrar uma dessas aranhas, não tive a desilusão de vê-la escapar-se, num vôo para mim, a principio incompreensível. Essa aerostação é, igualmente, o modo habitual de dispersão em muitas famílias. Chegados os irmãos à idade em que possam prover à própria subsistência, e sendo a aglomeração num mesmo ponto nociva à família, por ser escasso o alimento e pouco abundante a caça, uma bela

GATA BORRALHEIRA

Versão do livro "Contos de Fadas de Perrault", de Monteiro Lobato, com algumas modificações.

Era uma vez um viuvo que tinha uma filha toda bondade e doçura. Êle resolveu casar-se com uma senhora que também tinha duas filhas. Estas eram bonitas de rosto, mas feias de coração.

Logo depois de realizado o casamento, o mau gênio das duas moças começou a mostrar-se. Elas só cuidavam de seus enfeites e passeios e deixavam para a outra todo o serviço da casa. E eram grosseiros os trabalhos, como lavar as panelas e o assoalho.

A coitadinha dormia num cantinho do porão, sobre um montinho de palha. As outras viviam felizes em quartos cheios de tapetes, lindas camas e guarda-roupas de espelhos, nos quais podiam mirar-se a toda hora. Mas a pobre menina tudo suportava com paciência e bondade. Não se queixava ao pai que andava fora o dia inteiro e de nada sabia.

Quando acabava o seu serviço, ela costumava sentar-se junto ao fogão, sobre um montinho de cinzas. Daí lhe veio um apelido: Gata Borralheira.

Mas, a-pesar-de tudo, a desprezadinha não deixava de ser mil vezes mais bela que as outras duas, ainde que estas andassem vestidas como princesas.

Ora, aconteceu que o filho do rei ia dar um grande baile. Toda a gente importante da cidade já estava convidada. As duas moças também receberam convites. Puseram-se logo a preparar-se, a escolher vestidos, joias e penteados, enquanto a Borralheira só tinha licença de espiar de longe, lá do seu cantinho.

— Eu, dizia a mais velha, vou com o meu vestido de veludo côr de romã, e com aquela gola de renda da Irlanda.

— Eu, dizia a mais moça, vou com o meu vestido de veludo côr de romã, barrete de brilhantes.

Foi chamado o melhor cabeleireiro para fazer os penteados que naquele tempo eram enormes e cheios de camadinhas. Depois fizeram vir a Borralheira para dar opinião, pois a linda menina tinha muito gôsto.

Gata Borralheira deu sua opinião com toda franqueza, corrigindo alguns defeitos dos penteados que ficaram ainda mais bonitos.

Enquanto isto, Borralheira olhava-as muito, mas não tinha coragem

---

manhã, quando o céu é azul e o dia tépido, dão-se os últimos adeuses. cada qual procurando a ponta de um ramo, onde preparam seu pequeno balão, com a respectiva corda, e prendem-se à espera que o sol dilate e aligeire a esfera e ventos favoráveis soprem, deixando-se então arrastar para novas paragens, para o incerto futuro.

de pedir-lhes que a levassem também. Assim suja e sem vestidos e sem sapatos que iria lá fazer?!

A alegria das duas moças era tamanha que passaram dois dias sem comer. Não havia tempo para nada. Passavam o dia a se mirarem e remirarem nos grandes espelhos.

Afinal, chega a noite da festa. Lá se foram elas, muito elegantes e muito felizes. A pobre gatinha do borralho seguiu-as com os olhos tristes, muito tristes... e logo que as viu desaparecer ao longe, começou a chorar.

Nisto apareceu-lhe sua madrinha, que era fada.

— Por que choras, menina?

— Eu queria, eu queria... (mas o chôro não a deixava concluir).

— Já sei. Querias ir ao baile, não é?

— Ai de mim! Quem sou eu para ir ao baile do filho do rei?

— Pois irás, minha filha. Eu te farei ir.

E isto dizendo levou-a para o quarto onde lhe disse:

— Vai à horta e traze uma cidra

A menina foi e trouxe a mais bela cidra sem saber como esta fruta pudesse levá-la ao baile. A madrinha cavou a cidra de modo a deixar só a casca e depois lhe bateu com sua varinha de condão. Imediatamente a cidra ôca se transformou numa belíssima carruagem dourada.

Em seguida, a madrinha foi a uma ratoeira, armada perto da dispensa, onde havia seis ratinhos novos. A' medida que os tirava de lá, ela dava com a varinha em cada ratinho — toc! — e eles viravam logo lindos cavalos que corriam a atrelar-se à carruagem. Faltava o cocheiro.

— Vai ver, menina, se não há ainda algum rato na ratoeira.

Borralheira foi e encontrou mais três.

— Toc! e imediatamente êles viraram três cocheiros.

— Vai agora ao jardim e traze seis lagartixas que moram debaixo da tina dagua — e a menina foi depressa e trouxe as lagartixas .

— Toc! E a fada as transformou em seis lacaios, os quais subiram à carruagem como se nunca tivessem feito outra coisa na vida.

— Muito bem. Tens agora meios de ir ao baile. Estás contente?

Borralheira olhou para os seus vestidos feios e sujos...

A fada ergueu a varinha... — toc! — e apareceu o mais maravilhoso vestido que já se viu no mundo e um par de sapatinhos de cristal. A menina vestiu-se, calçou os sapatinhos de cristal e subiu à carruagem.

— Ouve, menina. Antes de bater meia noite hás de deixar o baile, porque senão a carruagem se virará outra vez em cidra, os cocheiros em lagartixas e o teu rico vestido em trapos imundos.

— Prometo, madrinha.

E lá se foi ela cheia de alegria.

O filho do rei, ao ser avisado da chegada de uma princesa desconhecida, correu a recebê-la. Tomou-lhe a mão e levou-a para a sala. No salão inteiro fez-se um grande silêncio, pois a beleza da menina havia deslumbrado a todos. Até a música parou de tocar. Depois, ouviam-se comentários:

"Como é formosa!" "Olhe que lindos olhos tem!"

O rei, a-pesar-de velho, também maravilhou-se e confessou à rainha que nunca tinha visto uma criatura de tanta beleza. E as moças da côrte não tiravam os olhos do seu pen-

teado e do seu vestido, com idéia de copiar tudo aquilo no dia seguinte.

O príncipe veiu tirá-la para dansar — e a menina dansou com tamanha leveza e graça que o povo ainda mais admirado ficou.

Quando foram servidos doces e refrescos, o príncipe nada quís de tão encantado que estava, olhando para a maravilhosa princesa.

A menina foi sentar-se ao lado de suas irmãs e lhes fez mil agrados. Chegou a repartir com elas os doces dados pelo príncipe. As duas muito estranharam isso, pois não a reconheceram.

Mas o tempo ia passando. Afinal — onze e três quartos! Gata Borralheira levantou-se imediatamente, fez uma reverência para todos e saiu apressada. Ao chegar em casa, tudo contou à madrinha e disse que recebera amável convite do príncipe para ir ao baile do dia seguinte. Combinaram como deviam fazer e a fada saiu.

Depois, bateram à porta. Eram as duas moças que chegavam. Gata Borralheira correu a abrir.

— Ih! como já é tarde!

— Se tivesses ido ao baile, não estarias agora bocejando. Foi uma beleza! Entre os convidados apareceu uma desconhecida, linda como os amores. Se a visses! Ela falou conosco; agradou-nos muito. Até nos deu doces que o príncipe lhe dera.

— Sabeis o nome de tal desconhecida?

— Não sabemos, ninguem sabe! E o príncipe está tão apaixonado que dará tudo quanto possue para sabê-lo.

— Mas era linda mesmo?

— E' pena que não possas vê-la. Mas como hás de ir ao baile? Teria graça se fosses!

No dia seguinte as duas irmãs foram de novo ao baile. Assm que elas sairam, tudo aconteceu para Borralheira como na noite anterior. E desta vez ela foi com um vestido ainda mais lindo que o da véspera. O filho do rei veiu ter com ela e não a deixou um só minuto; e tão entretidos ficaram os dois com a conversa, que a menina se esqueceu da recomendação da fala. E foi só quando soou a primeira pancada da meia noite que ela se lembrou. Teve de sair mais rápida que uma veadinha. O príncipe correu para alcançá-la, mas não poude. Só encontrou no jardim um dos seus sapatinhos que na corrida tinha lhe saido do pé.

O príncipe perguntou aos guardas do portão se não havia passado por alí uma princesa. Êles responderam que só tinham visto uma menina andrajosa a correr que mais parecia uma cozinheira.

Borralheira chegou em casa mais morta que viva do susto e da carreira, sem carruagem, sem cocheiros e lacaios, sem vestidos maravilhosos. Só lhe ficara de toda aquela beleza, um pé dos sapatinhos de cristal.

Quando as duas irmãs chegaram do baile a menina foi abrir-lhe a porta.

— Oh! Borralheira, se soubesses! E' pena que não tenhas ido! A tal princesa maravilhosa apareceu de novo. E ainda muito mais linda do que ontem. Mas ao soar da meia noite... fugiu! E fugiu tão depressa que perdeu no jardim um pé de sapatinho.

O príncipe não poude alcançá-la, mas apanhou o sapatinho. E durante

o resto da noite êle ficou num canto do salão... tão riste! Coitado! está perdido de amores pela dona do sapatinho de cristal.

E era verdade. No dia seguinte o filho do rei mandou avisar por toda a cidade que desejava casar-se com a dona do sapatinho, fosse ela quem fosse. E começou a procura.

Um emissário do príncipe ia de casa em casa para experimentá-lo em todos os pés de moça, começando pelas princesas, passando depois para as duquesas, marquesas e baronesas. Não serviu no pé de nenhuma, e então começou êle a experimentar no pé de todas as outras moças da cidade.

Afinal, chegou a vez das duas irmãs. A carruagem do emissário parou à porta e êle entrou com o sapatinho na mão. As duas irmãs vieram e fizeram tudo para calçá-lo. Nada!

O emissário já ia sair, quando se lembrou de perguntar:

— Não existe nenhuma outra moça na casa?

— Aquí? Nenhuma!

— Nem uma empregada?

— Empregada? Ah! existe uma, sim! Mas esta, coitada... De certo que não será!

— Mande chamá-la. O filho do rei, meu amo, ordenou que nenhuma moça do reino deixasse de experimentar êste sapatinho!

— Borralheira! Borralheira! Vem cá!

A menina saiu lá do seu cantinho, a sacuidr um pouco as cinzas do vestido.

O emissário chamou-a, fê-la sentar-se e pôs-lhe o sapatinho... Maravilha! O sapatinho de cristal entrou naquele pé como um dedo entra num anel.

O assombro das duas irmãs foi imenso. Nisto Borralheira tira do bolso do avental o companheiro do sapatinho e o calça no outro pé. Então a transformação foi completa. Vestidos, penteados, joias, tudo! Ela surgiu mais radiosa e bela que a mais bela das princesas.

E foi assim que Gata Borralheira saiu pela mão do emissário e foi levada ao palácio do príncipe.

Só então as duas irmãs reconheceram na menina desprezada a princesa desconhecida dos bailes. Correram a lançar-se aos pés dela. Pediram-lhe perdão de tudo que lhe tinham feito. A menina ergueu-as; disse-lhes que as perdoava de todo o coração e que seriam sempre amigas.

O casamento realizou-se logo depois. Gata Borralheira levou as irmãs para o palácio e também as casou no mesmo dia com dois grandes fidalgos.

AVISO

Com êste número está terminada a assinatura de todos aqueles que receberam desde o número 1 de nossa revista. Esperamos que a renovem antes da saída da próxima edição para que assim não deixem de receber "EDUCANDO".

Grande Concurso Permanente de "Educando" com a cooperação do Departamento Mineiro da Cia. Editora Nacional

O sorteio dos livros correspondentes à edição de Abril p/p foi feito no dia 26 do mesmo mês, na redação de EDUCANDO. Estiveram presentes e assinaram a ata do sorteio, diversas professoras da Capital, além da diretora e da gerente da Revista.

Foram contemplados os seguintes assinantes: Maria Antonieta Gomes de Souza, professora-técnica em Bicas, Minas; Maria das Dôres Machado, do Grupo "Sandoval de Azevedo", da Capital; Abel Fagundes, assistente técnico do ensino, residente em Caxambú.

Para o sorteio da presente edição, entrarão os seguintes livros, oferecidos aos assinantes quites:

PRÊMIOS

Oferta do Departamento Mineiro da Comp. Editora Nacional

1.º PREMIO	2.º PREMIO	3.º PREMIO
Psicologia da infância — Sílvio Rabelo — Vol. 23 da série terceira "Atualidades pedagogicas", da Cia. Editora Nacional. e *Casa Verde*, de Julia Lopes de Almeida e Filinto de Almeida — Edição da Cia. Editora Nacional.	*Aspectos fundamentais da Educação* — J. Melo Teixeira, Mendes Campos e outros — Vol. 24 da série terceira "Atualidades pedagógicas", da Cia. Editora Nacional. e *Confiteor* — Paulo Setubal — Edição da Cia. Editora Nacional.	*Fundamentos do Método* (Problemas Metodológicos do Ensino primário) — Onofre de Arruda Penteado Junior — Vol. 29 da série terceira: "Atualidades pedagógicas". e *Seiva* — Osvaldo Orico — Edição da Cia. Editora Nacional.

Fábrica - Escola "BENJAMIM GUIMARÃES"

E' indiscutível a grande clarividência com que o Govêrno do Estado vem orientando a educação de menores abandonados. Entre os muitos empreendimentos que atestam esta nossa afirmação, avulta. na vizinha cidade de Pará de Minas, a Fábrica Escola Benjamim Guimarães. O estabelecimento, em seu conjunto material e em sua organização, corresponde admiravelmente ao duplo objetivo que visa: dar à criança proteção e amparo e iniciá-la na prática de uma profissão acorde com as possibilidades do meio.

Baseada, de um lado, nos princípios da educação pela disciplina do trabalho, e de outro, no cooperativismo econômico para sua própria manutenção, a Fábrica-Escola Benjamin Guimarães, iniciando suas atividades com a indústria de laticínnios, amplia-se hoje em nova atividade profissional, como seja a manufatura do algodão, ramo em que serve a toda zona Centro do Estado.

A respeito de tal empreendimento, estão se confirmando as palavras que, ao ensêjo de sua inauguração, disse o Exmo. Sr. Presidente da República: "Institutos como êste poderão modelar a futura organização cooperativa de produção de laticínios em Minas, bastando que se reproduzam em todo o território do Estado".

O VESTUARIO

Maria BAUTIER

(*Tradução*)

PAPEL DO VESTUÁRIO — Temos necessidade de trazer vestimentas sobre nós, por dois motivos: a) Nossa pele está exposta a contactos perigosos. Importa protegê-la. Qualquer ferida ou contusão póde prejudicar-lhe o bom funcionamento e perturbar-lhe a dupla função, que é a de auxiliar os pulmões a segregar o suor cuja evaporação regulariza a temperatura do corpo.

b) O vestuário é para o nosso corpo, a um tempo cobertura e ornamento. Permite que nos apresentemos decentemente ante nossos semelhantes.

CONDIÇÕES HIGIÊNICAS DO VESTUÁRIO — A primeira condição que devemos exigir de uma vestimenta é que não seja maléfica. As substâncias que a compoem encontram-se em contacto com a pele e qualquer falta de asseio com a roupa pode comprometer a saúde.

A segunda condição é justamente constituir uma barreira à penetração da poeira, sem entretanto impedir a passagem do ar. Toda vestimenta deve proteger a pele sem ser um obstáculo ao seu funcionamento.

Emfim, a vestimenta deve ser composta de modo a regularizar a temperatura do corpo. Será, por conseguinte, má condutora do calor para evitar irradiação muito bursca, atendendo-se que a diferença entre o corpo humano e o ar exterior é algumas vezes considerável. (corpo humano 37°; ar exterior podendo descer abaixo de 0° ou subir de 40°) Além disso deve possuir um certo poder absorvente afim de que a evaporação do suor se faça, tanto sob a ação do ar exterior como pelo efeito do calor humano.

O papel do vestuário não é produzir calor mas conservar aquele que se produz na medida necessária.

COMPOSIÇÃO DO VESTUARIO — A roupa não é mais que um envoltório ao qual deve se dar um poder absorvente determinado. Tem-se empregado nela substâncias extraídas aos animais: lã, pêlo, etc.. Pediu-se também igual serviço aos vegetais, podendo ser cardadas, fiadas e tecidos, como a lã, o linho, o cânhamo, o algodão, etc..

O TECIDO — O isolante térmico cujo papel é mais importante, com efeito, não é o tecido mas o ar que êste tecido armazena. O tecido mais quente será aquele que armazenar maior quantidade de ar. As fibras encrespadas de lã ocupam o primeiro lugar; procura-se imitá-las em certos tecidos de algodão, do mesmo modo como se imita a pelúcia tratando-se a lã de modo especial.

A contextura do tecido tem uma importância tão grande quanto à sua natureza, pois que o poder isolante que exerce, lhe vem sobretudo do ar que armazena.

A CÔR — E' preciso também levar em conta, se bem que em pequena proporção, os poderes de absorção e de emissão provenientes da côr do

tecido. Os tons claros são mais favoráveis no verão.

A FORMA — Também a forma do vestuário tem importância capital. E' preferível o uso de roupas superpostas que armazenam várias camadas de ar; roupas amplas que permitam a circulação do ar, e por conseguinte, favorecem as trocas impedindo a perda de calorias.

O adulto se defende pelo exercício contra as intempéries e luta contra o desperdício habitual do calor por meio de uma alimentação apropriada; mas, para a criança, para o convalescente, para o velho, o papel protetor do vestuario é considerável.

A VESTIMENTA COMO ORNATO — "O hábito não faz o monge". Entretanto não deixam de nos julgar conforme o modo de nos vestirmos, o que permite apreciar nossa personalidade. Bem que alguns tentam seguira a moda, mas os detalhes ficam pessoais como o modo de trazer a vestimenta. O gôsto no vestir é a arte de saber escolher aquilo que melhor convenha à própria personalidade, à idade, à situação e às circunstâncias.

CUIDADOS QUE REQUER O VESTUÁRIO — A duração do vestuário depende da natureza do tecido, do uso e do cuidado que com êle se tenha. Cuidar do vestuário é evitar-lhe todo uso inútil e todo contacto impróprio. Ao despir a roupa deve-se dependurá-la fora do quarto de dormir afim de que ela seque e se areje durante a noite. Antes de vestí-la novamente, pela manhã, desembaraçá-la da poeira da véspera, sacudindo-a e escovando-a. Não se veste nunca uma roupa sem verificar se ela tem necessidade de algum conserto: um ponto feito a tempo evita um maior reparo.

AS MANCHAS — Elas sujam o vestuário e estragam o tecido, cuja côr podem atacar. Deve-se tirar as manchas frescas antes que elas tenham marcado o tecido de modo indelével. A mancha é, na maioria das vezes, um acúmulo de poeira retida por um líquido qualquer ou por um corpo gorduroso. Conforme a natureza da mancha a água não tem ação; é preciso o emprêgo do sabão ou benzina. As manchas causadas por um corpo gorduroso se tiram pela absorção dêste. O processo consiste em passar com precaução um ferro quente sobre a mancha hecoberta por um papel absorvente. Se o tecido é espêsso e se a gordura teve tempo de penetrá-lo, usa-se um dissolvente composto de alcool, essencia, benzina, etc.. Para os tecidos de nuance frágil, evita-se a *marca* polvilhando sôbre êle um pó absorvente que seca o liquido imediatamente. O talco, o gesso são aconselhados.

As manchas de vinho são retiradas por processos químicos, usados pelos tintureiros. Algumas vezes o leite fervendo aplicado sem demora sobre o tecido assim manchado dá resultado. O enxofre e o cloro (agua de Javel) são descolorantes muito apreciados mas devem ser usados com precaução.

Os tecidos de lã sujos pelo uso, sem manchas aparentes, limpam-se, seja esfregando-os com farinha de trigo que é absorvente, seja passando sôbre êles um pano molhado em agua ligeiramente amoniacada. Êste processo é aconselhado para limpar a gola do vestuário.

E' necessário proceder-se, periodicamente, à limpeza da vestimenta, pois quando ela chega a parecer suja, é muito tarde para se lhe dar aparência de nova.

ESCOLA "ALFREDO PINTO"

Um dos grandes problemas sociais é a readaptação à vida normal daqueles que condições várias arrastaram aos desvios da vadiagem, da amoralidade e até do crime. Problemas que não se resolvem apenas pelos coercitivos comuns, exigem de govêrnos e educadores atitude compreensiva para toda a complexidade da alma, para toda a capacidade de reerguimento moral que existe no fundo de cada ser humano.

Esta compreensão está à testa dos objetivos que dirigem os diretores da nossa Escola de Reforma Alfredo Pinto.

Uma visita rápida que fizemos àquele estabelecimento deixou-nos confortados quanto ao interêsse e inteligência com que o govêrno de nosso Estado procura solucionar o magno problema do aproveitamento de todo fator humano, mesmo daqueles que um exame superficial possa julgar relegado ao desprêzo, à reclusão permanente ou à desordem.

O regime de trabalho interessante, de atividades esportivas, de leituras selecionadas, de grêmios e de regalias que crescem "pari-passu" com as aquisições morais do educando, tudo isso praticado depois de largo período de observação individual, fazem da escola "Alfredo Pinto" um estabelecimento digno do nome de regenerador.

A maior prova disso é o seu ambiente de cordialidade, bom humor e alegria calma que os diretores tão bem sabem crear e manter.

Impondo-se, assim, à amizade dos alunos, creando neles uma nova concepção da vida, do trabalho e da moral, o diretor, Sr. Expedito Perdigão, e professores da "Alfredo Pinto" estão cumprindo com admirável eficiência, a difícil tarefa que o nosso Estado lhes confia.

Dos estatutos da Associação dos Professores Primários de Minas Gerais

EXCERTO

CAPÍTULO X

A Diretoria. O Conselho. As eleições.

Art. 44.º — A Diretoria será eleita dentre os 27 membros que formam o Conselho, oito dias após sua eleição.

Parágrafo único. — A posse da Diretoria verificar-se-á oito dias após a sua eleição.

Art. 45.º — A Diretoria será eleita bienalmente pelo Conselho, em reunião convocada com antecedência mínima de três dias, para êsse fim especial.

§ 1.º — Nessa reunião, que será presidida pelo membro do Conselho que fôr para isso escolhido na ocasião, e à qual poderão assistir os membros da Diretoria em exercício, na época da eleição, a escolha da Diretoria se fará por voto secreto, mediante maioria simples.

§ 2.º — A eleição para cada um dos cargos da Diretoria se fará em separado, mediante votação secreta, sendo eleitos os que contarem maioria de votos.

Art. 46.º — Essas eleições se farão antes da terminação do mandato, oito dias, devendo convocar-se pela imprensa, com larga antecedência, a Assembléia Geral.

Parágrafo único. — Tais eleições não serão convocadas em tempo de férias ou de afastamento obrigatório da Capital de número apreciável de votantes.

Art. 47.º — A eleição presidida pela Diretoria se fará em escrutínio, contendo 27 nomes diferentes entre os quais, por maioria simples, o Presidente proclamará os votados.

Parágrafo único. — Não serão admitidas as eleições por aclamação, nem as votações nominais.

CAPÍTULO XI

Das Assembléias Gerais

Art. 48.º — A Assembléia Geral reunir-se-á semestralmente, em maio e novembro, para tomar conhecimento dos assuntos de sua atribuição, previstos nestes estatutos.

Art. 49.º — A' Assembléia Geral incumbe:

a) tomar conhecimento dos relatórios da Diretoria;

b) eleger os membros do Conselho;

c) discutir projetos que afetem grandemente os interêsses da Associação e da classe;

Art. 50.º — A Assembléia Geral reunir-se-á em sessão extraordinária, sempre que fôr convocada pelo Presidente, ou mediante requerimento assinado por 20 sócios, e funcionará com a maioria de associados residentes nesta Capital.